

LEONARDO MARCON WEBER

EXPORTAÇÕES PARANAENSES: ANÁLISE E AVALIAÇÕES DO PERÍODO 1996 –
2007

Monografia apresentada como requisito parcial à conclusão do Curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Paraná

Orientador: Prof. Dr. Demian Castro

CURITIBA
2008


TERMO DE APROVAÇÃO

LEONARDO MARCON WEBER

EXPORTAÇÕES PARANAENSES: ANÁLISE E AVALIAÇÕES DO PERÍODO 1996 –
2007

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel no curso de Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Orientador



Prof. Dr. Demian Castro

Departamento de Ciências Econômicas, UFPR



Prof. Dr. Fabio Daria Scatolin

Departamento de Ciências Econômicas, UFPR



Prof. Dr. Luiz Antonio Domakosky

Departamento de Ciências Econômicas, UFPR

Agradecimento:
À Layana, minha esposa,
pelo apoio para que eu pudesse terminar este trabalho.

A meus pais, minhas irmãs e meu afilhado,
por me proporcionarem tantos bons momentos.

Ao professor Demian,
pelas chances durante estes dois anos.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar as alterações ocorridas no perfil das exportações paranaenses a partir do ano de 1996 até o ano de 2007 e explicá-las de acordo com as teorias que tratam do comércio entre os países. A análise do comércio exterior nesta monografia leva em consideração os principais produtos, o fator agregado, os destinos mais importantes, as características das empresas exportadoras, a influência do câmbio, o papel exercido pelo Paraná no cenário nacional e a influência do país no comércio exterior do Estado.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	FRONTEIRA DE POSSIBILIDADES DE CONSUMO DE LOCAL E ESTRANGEIRO.....	16
FIGURA 2 –	COMBINAÇÃO DE INSUMOS NECESSÁRIAS PARA A PRO- DUÇÃO DE UMA CALORIA DE ALIMENTO	18
FIGURA 3 –	ALOCAÇÃO DE RECURSOS NA ECONOMIA DADO UM AU- MENTO NA OFERTA DE TERRA	19

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – PARTICIPAÇÃO RELATIVA DO MATE NO VALOR DAS EXPORTAÇÕES – 1901 –1927	27
GRÁFICO 2 – EXPORTAÇÃO PARANAENSE DE MATE – 1867 – 1931	28
GRÁFICO 3 – PARTICIPAÇÃO RELATIVA NA PRODUÇÃO NACIONAL DE CAFÉ – PARANÁ E SÃO PAULO – 1920 – 1968	29
GRÁFICO 4 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES (US\$ FOB) E DO VALOR DO DÓLAR – 1996 – 2007.....	58

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES DE MATE – 1867 – 1931	26
TABELA 2 – PARTICIPAÇÃO RELATIVA NA PRODUÇÃO NACIONAL DE CAFÉ – PARANÁ E SÃO PAULO – 1920 – 1968	30
TABELA 3 – EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ, SEGUNDO PORTO DE EMBARQUE – 1944 – 1967	32
TABELA 4 – PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS SETORES NA RENDA INTERNA DO PARANÁ – 1970 – 1980	33
TABELA 5 – DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, SEGUNDO GÊNEROS INDUSTRIAIS, NO PARANÁ – 1970/1979.....	34
TABELA 6 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES – 1980 –1995.....	35
TABELA 7 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO – 1980 – 1995.....	36
TABELA 8 – EXPORTAÇÕES SEGUNDO GRUPOS E SUBGRUPOS DE PRODUTOS - PARANÁ - 1996-2007	38
TABELA 9 – PRODUÇÃO DE SOJA, BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1996 – 2007	40
TABELA 10 – EXPORTAÇÃO PARANAENSE DE AUTOMÓVEIS – 1996 – 2007	42
TABELA 11 – EXPORTAÇÕES DE CARNE DE FRANGO DO PARANÁ, SEGUNDO PRINCIPAIS MERCADOS – 1999 – 2006	43
TABELA 12 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1996-2007	44
TABELA 13 – DISTRIBUIÇÃO DO VTI, SEGUNDO UNIDADES DA FEDERAÇÃO - BRASIL - 1996/2006	45
TABELA 14 – VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO ATIVIDADES ECONÔMICAS - PARANÁ – 1996 2006	46
TABELA 15 – EXPORTAÇÕES, SEGUNDO BLOCOS ECONÔMICOS - PARANÁ- 1996-2007.....	46
TABELA 16 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA A UNIÃO EUROPÉIA SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 – 2007.....	47

TABELA 17 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA A ÁSIA (EXCLUSIVE OR. MÉDIO) SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 – 2007	48
TABELA 18 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA O MERCOSUL SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 – 2007	49
TABELA 19 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA A ALADI (EXCLUSIVE MERCOSUL) SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 – 2007	50
TABELA 20 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA O OR. MÉDIO SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 – 2007	52
TABELA 21 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA OS ESTADOS UNIDOS (INCLUSIVE PORTO RICO) SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 – 2007	52
TABELA 22 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA A ÁFRICA (EXCLUSIVE OR. MÉDIO) SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 – 2007	54
TABELA 23 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO PRINCIPAIS EMPRESAS – 2006 – 2007	55
TABELA 24 – BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1996-2007	56
TABELA 25 – QUANTIDADE PRODUZIDA NO PAÍS DE PRODUTOS AGRÍCOLAS SELECIONADOS – 1996 – 2007	57

LISTA DE SIGLAS

ALADI	– Associação Latino-Americana de Integração
CIC	– Cidade Industrial de Curitiba
IBC	– Instituto Brasileiro do Café
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPARDES	– Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEA	– Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada
MDIC	– Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior
MERCOSUL	– Mercado Comum do Sul
SECEX	– Secretaria de Comércio Exterior
SIDRA	– Sistema IBGE de Recuperação Automática
EU	– União Européia
VTI	– Valor da Transformação Industrial

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 TEORIAS SOBRE O COMÉRCIO INTERNACIONAL	14
2.1 MODELO RICARDIANO DAS VANTAGENS COMPARATIVAS	14
2.2 MODELO DOS FATORES ESPECÍFICOS	16
2.3 MODELO DE HECKSCHER-OHLIN	18
2.4 ECONOMIAS DE ESCALA E CONCORRÊNCIA IMPERFEITA	20
2.4.1 Concorrência imperfeita	20
2.4.2 Economias de escala	21
2.4.2.1 Economias internas	21
2.4.2.1 Economias externas	22
3 ASPECTOS DO COMÉRCIO EXTERIOR DO PARANÁ ANTES DE 1996	24
3.1 O PAPEL DO MATE	25
3.2 O CAFÉ	28
3.3 AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DOS ANOS 70	32
3.4 CONSIDERAÇÕES DO PERÍODO PRÉ 1996	34
4 EXPORTAÇÕES PARANAENSES ENTRE 1996 E 2007	37
4.1 EXPORTAÇÕES SEGUNDO GRUPOS E SUBGRUPOS	37
4.1.1 Complexo soja	40
4.1.2 Materiais de transporte e componentes	41
4.1.3 Complexo Carnes	42
4.1.4 Demais grupos de produtos	43
4.2 EXPORTAÇÕES SEGUNDO FATOR AGREGADO	44
4.3 EXPORTAÇÕES SEGUNDO PRINCIPAIS DESTINO	46
4.3.1 União Européia	47
4.3.2 Ásia (exclusive Oriente Médio)	48
4.3.3 Mercosul	49
4.3.4 Aladi (exclusive Mercosul)	50
4.3.5 Oriente Médio	51
4.3.6 Estados Unidos (inclusive Porto Rico)	52
4.3.7 África (exclusive Oriente Médio)	53
4.4 PERFIL DAS EMPRESAS EXPORTADORAS	54
4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EXPORTAÇÕES PARANAENSES	55
5 CONCLUSÃO	60
REFERÊNCIAS	63

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Sandroni (2005 p. 161), o comércio pode ser definido em poucas palavras como “uma troca de valores ou produtos visando ao lucro”. O comércio internacional, é portanto o “intercâmbio de bens e serviços entre países, resultante de suas especializações na divisão internacional do trabalho.”

O comércio entre grandes distâncias surgiu através das caravanas de mercadores, que percorriam aldeias do Egito e Mesopotâmia negociando produtos como tecidos, metais, entre outros. Posteriormente, os fenícios, através de seu desenvolvimento marítimo, proporcionaram um grande impulso ao comércio internacional, permitindo o alcance a locais mais distantes, ampliando as possibilidades de consumo de um número maior de indivíduos.

Outro avanço marcante foi a introdução pelos gregos, da moeda como meio de troca, no século VIII antes de Cristo, permitindo um volume muito maior de comércio, que até então eram realizado através de escambo.

O que existe hoje segue estes mesmos princípios, porém tudo de forma mais moderna e complexa, com um emaranhado de acordos comerciais, blocos econômicos, tarifas, além de complexos sistemas de transferências de valores e logística de produtos.

No Paraná, o avanço do comércio aconteceu de forma lenta durante a maior parte do século XX, com uma economia pouco diversificada e uma indústria periférica não muito competitiva, baseada principalmente no beneficiamento de produtos agrícolas. A década de 1970 proporcionou grandes mudanças na economia paranaense, com a implantação de indústrias modernas, permitindo uma maior inserção do Estado no cenário econômico brasileiro.

A análise principal deste trabalho está entre os anos de 1996 e 2007, período em que ocorrem fundamentais transformações no Estado, gerando consideráveis impactos na pauta exportadora paranaense. Podemos citar, como objetivos deste estudo, a análise das exportações paranaenses no período compreendido entre

1996 e 2007, com a identificação das vantagens obtidas através do comércio; a análise da indústria estadual, identificando os setores em ascensão no comércio internacional; a identificação dos principais mercados importadores de produtos paranaense, verificando o comportamento dos mercados tradicionais e analisando os destinos com potencial de crescimento para os próximos anos.

O trabalho de pesquisa se estende por três capítulos. Em primeiro lugar são apresentadas as principais teorias que tratam do comércio internacional: o modelo ricardiano das vantagens comparativas, o modelo dos fatores específicos, a teoria de Heckscher-Ohlin e também o papel das economias de escala e da concorrência imperfeita, buscando nessas teorias fundamentos para a análise das exportações paranaenses.

Em seguida é apresentada uma análise histórica da evolução do comércio exterior no Estado, com ênfase em dois produtos que em seus respectivos períodos de glória foram os principais produtos de exportação do Paraná: o mate e o café. Ainda neste capítulo são tratadas as transformações que ocorreram no Paraná na década de 1970, principalmente no que se refere à indústria estadual.

No capítulo seguinte, exportações paranaenses entre os anos de 1996 e 2007 são verificadas sob várias óticas, como análise dos principais grupos de produtos, o fator agregado, os principais destinos e o perfil das empresas exportadoras.

O período foi escolhido pelas diversas transformações ocorridas na economia paranaense desde então. Mudanças essas que ocasionaram diversas conseqüências na pauta exportadora paranaense. A análise vai até o ano de 2007 – último ano em que os dados estão consolidados até o momento..

Adiante e finalizando este trabalho, temos a conclusão em que são discutidos os resultados alcançados nesta pesquisa e são analisadas as perspectivas futuras para o Paraná no que se refere ao comércio exterior, com o potencial paranaense para produtos e mercados a serem atingidos ou ampliados.

2 TEORIAS SOBRE O COMÉRCIO EXTERIOR

O comércio pode ser benéfico para os dois países envolvidos em uma determinada negociação. De uma forma geral os países comercializam produtos com outros países por dois motivos principais. Como todos os países são diferentes, é vantajoso tirar proveito dessas diferenças através do comércio para que se possa consumir uma variedade maior de bens. Outro motivo para a realização do comércio entre as nações é o fato de se obter economias de escala, produzindo aqueles bens nos quais a produção é mais eficiente em relação aos demais e em seguida comercializando, ao invés de se tentar produzir tudo que se necessita no país. O capítulo apresentará as Teorias das Vantagens Comparativas, o Modelo de Fatores específicos que trata da distribuição de renda, a Teoria de Heckscher-Ohlin, sobre a dotação de fatores e finalmente a Teoria da Concorrência Imperfeita. Nos três primeiros as vantagens do comércio são baseadas nas vantagens comparativas enquanto no último vem à tona o papel das economias de escala.

2.1 MODELO RICARDIANO DAS VANTAGENS COMPARATIVAS

Adam Smith desenvolveu um modelo de comércio no qual os dois países envolvidos tivessem vantagens, motivo fundamental para a existência de comércio pois, caso contrário haveria desinteresse por parte da nação perdedora.

Para Smith a existência de benefícios mútuos no comércio era explicado pelo fato de os países possuírem vantagens absolutas na produção de determinados bens. A vantagem absoluta é verificada quando um determinado país é capaz de produzir algum produto de forma mais eficiente que outro país. O comércio poderia existir caso essa nação fosse menos eficiente que a outra nação em relação a produção de outro bem. Como cada país teria vantagens absolutas eles poderiam comercializar e os dois teriam vantagens, pois ao invés de produzir ambos os bens,

essas nações produziram apenas aquele bem em que tem vantagem e trocariam por uma quantidade maior do outro bem.

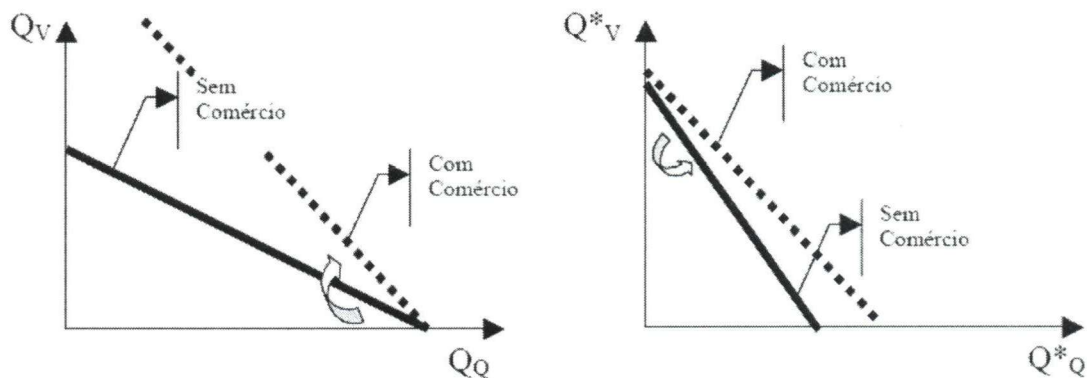
Segundo essa hipótese, porém, aqueles países cuja produção de nenhum dos bens fosse realizada de forma mais eficiente do que no outro país não poderiam participar do comércio.

Ricardo, em sua teoria, defende que os países podem comercializar mesmo não tendo condições de produzir de forma mais eficiente (mesmo não tendo vantagem absoluta em relação à outra nação). Nessas condições, segundo o autor, ainda é possível haver benefícios para ambas as partes envolvidas, desde que a nação com vantagens se especialize naquele produto cuja vantagem absoluta seja maior e o outro país se especialize naquele produto no qual demonstre uma desvantagem absoluta menor.

Supondo dois países, Local e Estrangeiro, que podem produzir queijo e vinho e o único fator de produção é o trabalho. No país Local leva-se uma hora para produzir um quilo de queijo e duas horas para se produzir um litro de vinho, enquanto no Estrangeiro são necessárias seis horas para se produzir um quilo de queijo e três horas para produzir um litro de vinho. Se o preço no mercado mundial do queijo e do vinho for o mesmo, os trabalhadores do Local se especializarão na produção de queijo, pois conseguem produzir mais rapidamente e, portanto terão maior retorno. No Estrangeiro, por sua vez, a produção de queijo demanda o dobro de horas se comparado à produção de vinho. Os trabalhadores deste país se especializarão na produção de vinho. Neste exemplo, se o Local deixar de produzir um quilo de queijo em favor do vinho, conseguirá apenas meio litro. Portanto é vantajoso concentrar seus trabalhadores na produção do laticínio e trocar o excedente por vinho. O mesmo argumento vale para o Estrangeiro. Se deixar de produzir um litro da bebida, obterá apenas meio quilo de queijo, devido a maior necessidade de horas para produzir este bem. O país produz apenas vinho e troca o excedente pelo queijo do país Local. Desta forma os dois países expandem as suas possibilidades de consumo, como ilustrado na figura 1. Q_v e Q_q representam a quantidade de queijo e vinho,

respectivamente consumidas no país Local enquanto Q^*v e Q^*q representam o consumo no País Estrangeiro. A linha contínua representa as possibilidades de consumo sem comércio e a linha pontilhada apresenta as fronteiras de consumo com a existência de comércio entre os países.

FIGURA 1 – FRONTEIRA DE POSSIBILIDADES DE CONSUMO DE LOCAL E ESTRANGEIRO



Para um modelo com uma quantidade maior de bens são necessárias algumas considerações. Supondo que o valor pago a um trabalhador do país Local fosse quatro vezes maior do que no Estrangeiro, este país produzirá apenas aqueles bens em que for pelo menos quatro vezes mais eficiente. Os demais bens seriam produzidos no país Local.

2.2 MODELO DOS FATORES ESPECÍFICOS

Na análise sob a ótica dos fatores específicos, assim como nas vantagens comparativas, determinada economia pode alocar sua oferta de trabalho na produção de dois tipos de bens. Ao contrário do modelo ricardiano, neste modelo existe mais de um fator de produção (antes havia apenas o trabalho) que pode ser móvel, ou seja, pode ser utilizado na produção de ambos os bens, ou específico, quando pode ser utilizado na fabricação de determinados bens.

Se uma economia pode produzir alimentos e manufaturas, para a produção de alimentos é necessário terra e trabalho e para a produção de manufaturas é necessário trabalho e capital. O trabalho é considerado fator móvel, já que pode ser utilizado na fabricação de ambos os bens, enquanto o capital e a terra são os fatores específicos, pois podem ser utilizados para se produzir um determinado bem. De acordo com Krugman & Obstfeld (2005, p. 43) “Nesse modelo, as diferenças nos recursos podem levar os países a ter curvas de oferta relativa diferentes, o que estimulará o comércio internacional”.

A composição das possibilidades de produção é alterada à medida que o trabalho (fator móvel) se desloca entre os setores. Em cada um dos setores a produção aumenta a medida que é adicionado o insumo trabalho. Esse aumento, entretanto, ocorre de forma decrescente. Isto equivale a dizer que, caso os demais insumos permaneçam constantes, o rendimento marginal do trabalho é decrescente. A cada unidade de trabalho adicionada, é possível produzir uma quantidade adicional cada vez menor de alimento ou manufatura, conforme o caso.

Esse modelo leva em consideração também, a distribuição de renda entre os fatores dentro da economia, pois na prática a distribuição de renda ocupa papel fundamental para a determinação de políticas para o comércio internacional. Grupos organizados da sociedade são capazes de exercer forte influência sob seus governantes, buscando a implantação de medidas protecionistas que defendam as suas respectivas indústrias, mesmo que não seja a política que maximize o bem estar da nação como um todo. Isso ocorre pois em muitos casos a população em geral não sentiria de forma significativa os impactos dessas políticas, enquanto para os setores da sociedade diretamente envolvidos, uma medida protecionista por parte do seu governo pode trazer benefícios muito significativos.

No modelo dos fatores específicos, os fatores específicos dos setores de exportação em cada país apresentam ganhos do comércio, enquanto os fatores específicos dos setores que concorrem com as importações perdem.

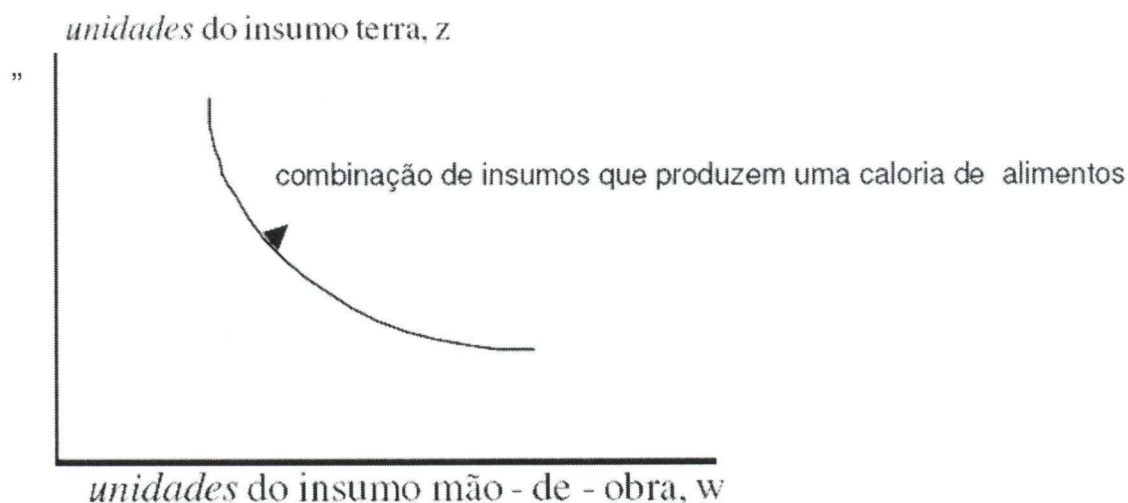
Os fatores móveis que podem ser usados em ambos os setores podem tanto ganhar como perder. (KRUGMAN;M OBSTFELD, 2005, p. 43

2.3 MODELO DE HECKSCHER-OHLIN

A teoria desenvolvida pelos economistas suecos Eli Heckscher e Bertil Ohlin leva em consideração dois fatores de produção: o capital e o trabalho. Esses fatores podem ser empregados na produção da commodity X, que é mão-de-obra intensiva, ou da commodity Y, que é capital intensiva. Segundo Salvatori (2000, p. 70) “A nação relativamente rica em mão-de-obra exporta a commodity relativamente intensiva em mão-de-obra e importa a commodity relativamente intensiva em capital”.

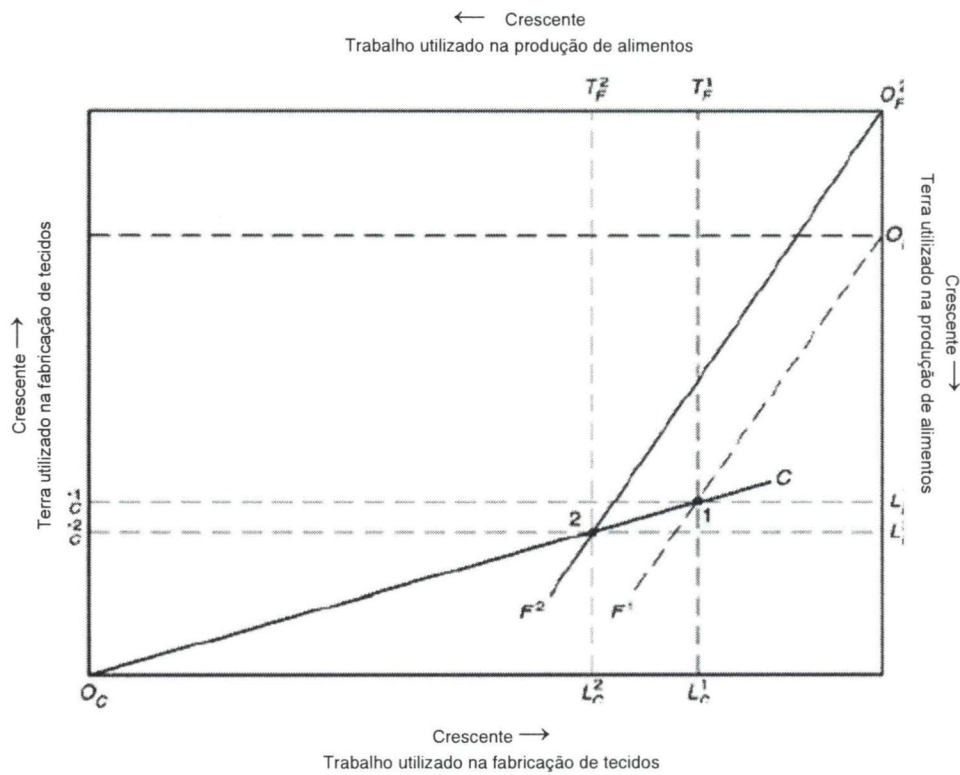
De acordo com a figura 2, pode-se perceber que a produção de alimentos é terra-intensiva. Ao diminuirmos certa quantidade do insumo terra, é necessário um aumento maior do insumo mão-de-obra, para que a mesma quantidade de alimento seja produzida. A combinação escolhida entre os fatores de produção seria determinada pelo custo relativo dos fatores

FIGURA 2 – COMBINAÇÃO DE INSUMOS NECESSÁRIAS PARA A PRODUÇÃO DE UMA CALORIA DE ALIMENTO



Supondo uma economia capaz de produzir alimentos e tecidos, com a disponibilidade dos recursos mão-de-obra e terra representadas pela figura 3. Um aumento na oferta total de terra de O^1_F para O^2_F , a alocação dos recursos na economia irá do ponto 1 para o ponto 2. A produção global de tecidos apresenta uma pequena redução, de T^1_C para T^2_C e a produção de alimentos tem um aumento maior do que o aumento na oferta de terra.

FIGURA 3 – ALOCAÇÃO DE RECURSOS NA ECONOMIA DADO UM AUMENTO NA OFERTA DE TERRA



Com o aumento da oferta de terra é possível aumentar a produção de tecidos caso a terra esteja à disposição desse setor. Entretanto, se essa nova terra disponível for disponibilizada ao setor de alimentos, o aumento é bem mais expressivo.

2.4 ECONOMIAS DE ESCALA E CONCORRÊNCIA IMPERFEITA

Contrariando os modelos apresentados anteriormente em que as diferenças entre os países eram o único motivo fator para a existência do comércio, verificaremos agora a importância de outros fatores alheios a capacidade de cada país produzir melhor determinado produto. Esses fatores são a concorrência imperfeita e as economias de escala.

2.4.1 Concorrência imperfeita

Nos modelos anteriores, pressupunha-se a existência de concorrência perfeita, ou seja, para qualquer produto existia uma quantidade muito elevada de compradores e de vendedores e portanto nenhum deles individualmente era capaz de influenciar os preços das mercadorias. Isso é válido para alguns setores, como as commodities agrícolas, nas quais cada produtor representa uma parcela pouco significativa em relação ao mercado. Essas empresas são consideradas tomadoras de preços.

Por outro lado existem as empresas que, por suas características, são as formadoras de preços, portanto em seus mercados não há concorrência perfeita. Neste situação se enquadram as empresas detentoras de monopólios, aquelas cujo produto ou serviço é o único no mercado e também, e bem mais comum, os oligopólios, quando determinada indústria é composta por uma quantidade de firmas grandes o suficiente para influenciar o preço no mercado no qual atuam. Existe ainda outro tipo de estrutura na concorrência imperfeita: a concorrência monopolística¹.

Se partirmos de uma situação de ausência de comércio, entre determinado setor em dois países diferentes, para uma análise após a liberação do comércio, o resultado é a diminuição na quantidade global de firmas, com cada uma produzindo

¹ A forma ou organização de mercado onde existem várias empresas vendendo um produto diferenciado, e tanto a entrada quanto a saída são fáceis. (SALVATORE, 2000, p. 96)

uma quantidade maior, de forma mais eficiente, gerando aumento no bem estar da população dos dois países.

2.4.2 Economias de escala

Para a análise de como é possível o aumento na eficiência através do aumento na produção, faz-se necessário explicar o papel das economias de escala², que podem ser internas ou externas.

2.4.2.1 Economias internas

As economias internas se referem ao tamanho de uma determinada firma, sem que seja necessária a alteração no tamanho total do segmento. Se determinada empresa dobrar os insumos, espera-se que a produção mais do que dobre. Isso pode ocorrer devido a uma melhoria nos procedimentos internos, como a compra de novas máquinas que sejam capazes de produzir de forma mais eficiente, ou com um maior incentivo a capacitação, já que haveria uma quantidade maior de funcionários para serem treinados, tornando o investimento viável.

Este tipo de economia de escala é mais comum no caso de grandes empresas. Essas firmas tendem a levar vantagens em relação às concorrentes menores pois conseguem produzir mais e de forma mais eficiente.

² Redução dos custos unitários decorrentes de um aumento no volume (escala) de produção, seja de uma empresa, setor, região ou país (SANDRONI, 2005, p. 276).

2.4.2.2 Economias externas

As economias externas são aquelas relacionadas a uma alteração do tamanho da firma como um todo, sem que seja necessária a mudança no tamanho das firmas individualmente. O primeiro a chamar a atenção para o papel desse tipo de economia foi o economista e matemático inglês Alfred Marshall, ao analisar com admiração os distritos industriais britânicos no último quarto do século XIX. Em sua análise Marshall destacou três motivos principais para a existência das economias externas, dada a concentração de várias empresas em uma mesma região: o surgimento de fornecedores especializados, a criação de mão-de-obra especializada e também os transbordamentos de conhecimentos de uma firma para outras.

À medida que uma quantidade maior de firmas de um mesmo segmento se concentram na mesma região, surge a oportunidade do deslocamento de fornecedores, pois estes seriam beneficiados pela redução de custos de transporte e ganharias com aumento da escala de produção.

Em relação ao mercado de trabalho, uma quantidade maior de firmas tornaria viável a existência de cursos de capacitação, pois haveria grande procura por estes cursos. Ter-se-ia uma maior quantidade de trabalhadores qualificados. Isso geraria benefícios para as empresas, ao disponibilizar um aumento na eficiência dos trabalhadores e também haveria benefícios para estes últimos, já que teriam uma quantidade maior de empresas para procurar trabalho, podendo inclusive mudar de uma firma para outra.

A transferência de trabalhadores entre empresas pode gerar também a transferência de conhecimentos. O conhecimento pode ser conquistado por meio de esforços por parte das empresas ao se investir em pesquisa e desenvolvimento, mas também pode se conseguir informações com a transferência de funcionários de uma empresa para outra ou com pessoas de empresas distintas em conversas informais. Ao se depararem com processos menos eficientes nas novas firmas, os funcionários

podem sugerir processos diferentes, existentes na empresa que trabalharam anteriormente. Para Marshall³, citado por Krugman & Obstfeld (2005 p. 111)

...os mistérios do comércio se desfazem, mas é como se estivessem no ar... O bom trabalho é corretamente apreciado, invenções e aperfeiçoamentos em maquinarias, em processos e na organização geral do negócio têm seus méritos prontamente discutidos: se um homem tem uma idéia nova, ela é assimilada por outros e combinada com sugestões próprias, e dessa forma ela se torna a fonte de mais idéias novas.

A análise feita por Marshall sobre as economias externas é muito válida nos dias atuais. No Brasil há diversos exemplos desse tipo de vantagem, como no caso das indústrias de automóveis e seus respectivos fornecedores na região do ABC paulista, as indústrias moveleiras da região de Araçatuba, no norte do Paraná e as malharias de Brusque, no estado de Santa Catarina.

³ MARSHALL, Alfred. **Principles of economics**. Londres: MacMillan, 1920.

3 ASPECTOS DO COMÉRCIO EXTERIOR DO PARANÁ ANTES DE 1996

3.1 O PAPEL DO MATE

No ano da emancipação política do Paraná, 1853 o Paraná foi responsável por quase 1,3% das exportações brasileiras. Mais do que seu percentual populacional em relação ao país (1%), porém muito menos do que as províncias que exportavam açúcar e café. Neste ano havia noventa engenhos em atividade no Estado, concentrados principalmente em Curitiba e no litoral. O primeiro moinho da região foi instalado no ano de 1820 em Paranaguá, pelo espanhol Francisco Alzagarray, seguido por diversos outros espanhóis. A extração já acontecia no estado desde o século anterior. Não era um serviço leve, mas não havia nada muito complexo. O procedimento é descrito por Costa⁴ 1995, citado por Bondarik et al (2006, p. 4)

O corte ou poda das erveiras é feito manualmente com facão ou foice. Existem árvores com mais de doze metros de altura. Geralmente o corte é realizado por homens, sendo que mulheres e crianças ficam reunindo os galhos cortados em feixes que serão levados para a operação do sapeco. O corte mutila, mas não prejudica a árvore que levará de até cinco anos para se regenerar e sofrer novo processo de corte. O sapeco é feito sobre fogo, a ação rápida das labaredas faz com que as folhas percam parte de sua umidade, evitando que ela escureça e adquira um sabor desagradável. Após isso a erva é submetida a uma secagem que dura de dez a doze horas, em instalações de calor intenso, como um forno e sem contato com a fumaça. Terminada a secagem, a erva é triturada e fragmentada, depois peneirada. A atividade do produtor local termina com o peneiramento da erva-mate, que assim se constitui na matéria-prima para os engenhos de beneficiamento". (COSTA, 1995, p. 26-27).

Os procedimentos nos engenhos também eram rudimentares. Os moinhos eram movimentados por rodas d'água e a mão-de-obra era composta por escravos, trabalhadores livres e assalariados. A partir do ano de 1878, foi iniciado um processo de modernização, através do engenheiro Francisco Camargo Pinto, após retornar da Europa e instalar o Engenho Tibagy, de propriedade de Ildefonso Pereira Correia, também conhecido como Barão do Cerro Azul. As principais novidades introduzidas

⁴ COSTA, Samuel Guimarães da. **A Erva-Mate**. Curitiba: Farol do Saber, 1995

pelo engenheiro foram o uso do motor a vapor, torrador mecânico, esmagador ondulatório, separadores por ventilação além de elevadores e transformadores helicoidais.

O transporte de Curitiba até o litoral, bastante precário, foi descrito pelo viajante e naturalista francês Auguste Saint-Hillaire, que percorreu o trajeto na década de 1820:

A pior parte do caminho é onde começa a descida, e que tem nome de encadeado. O declive é abrupto demais, os ramos das árvores se estendem por sobre o caminho, escavado na montanha, tornando-o muito sombrio, e o chão é formado de pedras grandes e escorregadias, o que às vezes obriga as mulas a acelerarem o passo. Eu não me cansava de admirar a habilidade desses animais para se safar de situações difíceis. Eles são treinados inicialmente para fazerem a travessia da serra sem nenhuma carga no lombo, em seguida levando apenas a cangalha e, finalmente transportando a carga.” (SAIN-THILAIRE, 1995, p.139)

A questão do transporte começou a melhorar a partir de 1855, com o início da construção da Estrada da Graciosa, ligando Curitiba ao Porto de Paranaguá, e sua conclusão anos mais tarde. Com isso, os engenhos beneficiadores começaram a se deslocar do litoral para a região da capital, aproximando os engenhos dos ervais e sacarias, ao invés de ser transportada ainda cancheada. Posteriormente, em 1880 teve início a construção da estrada de ferro ligando Curitiba a Paranaguá, coordenada pelos irmãos André Rebouças e Antonio Rebouças Filho, dois engenheiros negros, algo raro na época. A ferrovia foi toda construída com mão-de-obra assalariada e foi concluída no ano de 1885, aumentando em grande medida a velocidade e também o volume transportado. De 1885 para 1892, o volume total exportado anualmente passou de 14.502.594 para 20.767.995 quilos (tabela 1), o melhor resultado em um único ano até então.

Nos anos seguintes, no entanto, as exportações regrediram, motivadas por uma série de fatos de natureza política, como a abolição da escravatura, a proclamação da república, a guerra civil no Uruguai e a crise na Europa. Poucos anos depois, a partir de 1898, as exportações do produto passam a colecionar uma série de resultados favoráveis. Segundo Padis (2006, p. 92) “...o mate, sozinho, vai contribuir

com 98 por cento do valor total das exportações (1901/02) ao mesmo tempo em que era responsável por mais de 40% do total da arrecadação do Estado evidenciando uma elevação dos preços do produto”.

TABELA 1 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES DE MATE – 1867 - 1931

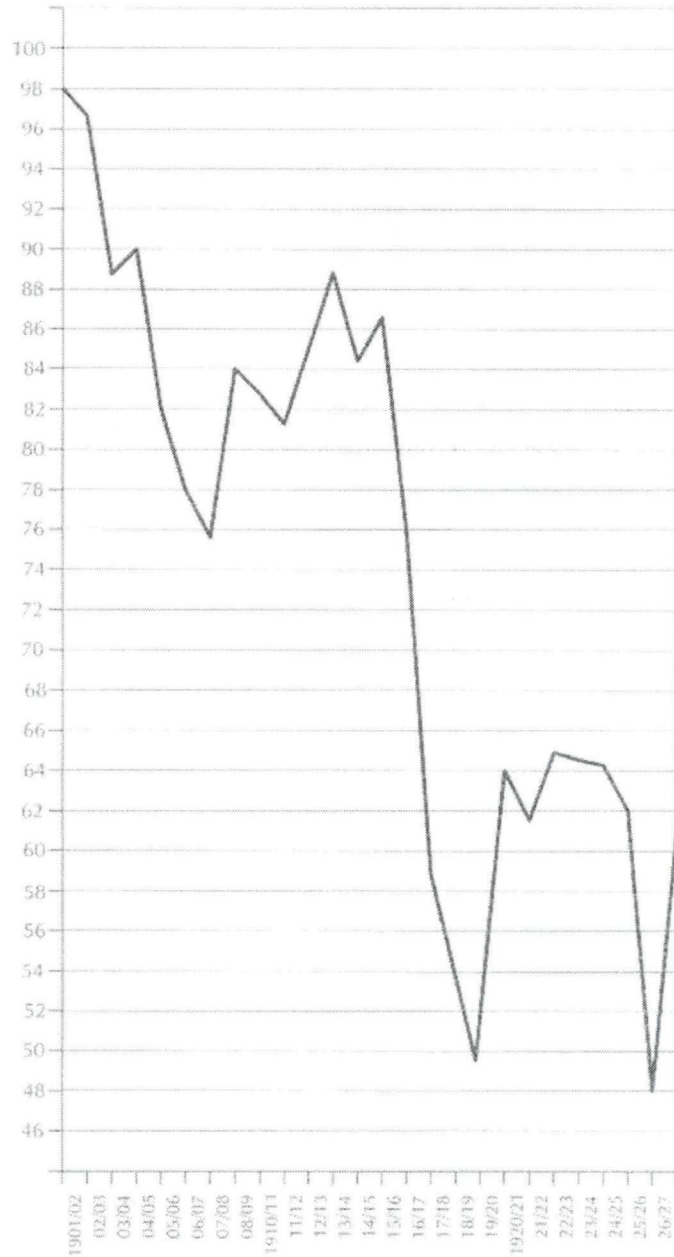
PERÍODO	VOLUME (kg)	VAR. (%)	PERÍODO	VOLUME (kg)	VAR. (%)
1867	12 462 217	-	1899	18 992 392	11,61
1868	12 813 323	2,82	1900	18 489 485	-2,65
1869	13 363 669	4,30	1901	25 210 129	36,35
1870	14 284 085	6,89	1902/3	28 209 916	11,90
1871	13 714 260	-3,99	1903/4	31 209 635	10,63
1872	16 632 502	21,28	1904/5	29 121 958	-6,69
1873	13 442 407	-19,18	1905/6	30 598 457	5,07
1874	11 706 319	-12,92	1906/7	36 362 314	18,84
1875	11 559 166	-1,26	1907/8	33 020 090	-9,19
1876	12 702 371	9,89	1908/9	36 641 626	10,97
1877	13 209 020	3,99	1909/10	40 679 387	11,02
1878	12 971 418	-1,80	1910/11	45 227 747	11,18
1879	14 087 730	8,61	1911/12	46 050 108	1,82
1880	12 699 187	-9,86	1912/13	44 957 418	-2,37
1881	12 949 947	1,97	1913/14	44 758 925	-0,44
1882	15 167 249	17,12	1914/15	48 545 663	8,46
1883	15 300 731	0,88	1915/16	51 127 572	5,32
1884	14 524 420	-5,07	1916/17	44 202 499	-13,54
1885	14 502 594	-0,15	1917/18	42 188 580	-4,56
1886	14 735 630	1,61	1918/19	44 000 000	4,29
1887	18 880 000	28,12	1919/20	44 000 000	0,00
1888	18 253 836	-3,32	1920/21	46 500 000	5,68
1889	20 592 942	12,81	1921/22	48 000 000	3,23
1890	18 372 823	-10,78	1922/23	51 140 432	6,54
1891	19 452 751	5,88	1923/24	59 501 561	16,35
1892	20 767 995	6,76	1924/25	55 585 226	-6,58
1893	13 772 260	-33,69	1925/26	57 500 000	3,44
1894	12 345 128	-10,36	1926/27	82 000 000	42,61
1895	13 721 928	11,15	1927/28	74 000 000	-9,76
1896	13 261 218	-3,36	1928/29	97 500 000	31,76
1897	9 591 684	-27,67	1929/30	56 500 000	-42,05
1898	17 017 162	77,42	1930/31	56 500 000	0,00

FONTE: Padis, 2006.

Entre os anos de 1902 e 1907, houve aumento na quantidade exportada, mas a participação do mate no valor das exportações sofreu um revés (gráfico 1). Neste ano de 1902 o legislativo paranaense derrubou a lei que determinava uma taxa extra para o produto cancheado, protegendo o produto beneficiado. Com isso a Argentina passou a comprar o produto cancheado e beneficiar localmente.

Um novo bom momento acontece a partir de 1908 até 1913, quando o governo paranaense isentou a taxaço do mate vendido para Europa, Ásia e Estados Unidos.

GRÁFICO 1 – PARTICIPAÇÃO RELATIVA DO MATE NO VALOR DAS EXPORTAÇÕES – 1901 –1927.



FONTE: Padis, 2006.

Nos anos seguintes, até o fim da guerra, a participação do mate no valor total exportado iria cair até chegar ao patamar dos 49%, entre os anos de 1918 e 1919. Nesse período o volume total exportado não sofre grandes alterações (gráfico 2). Novamente temos a evidência de uma considerável queda nos preços. Também nesse período a Argentina passou a cultivar o mate, diminuindo também as vendas do produto cancheado para aquele país

GRÁFICO 2 – EXPORTAÇÃO PARANAENSE DE MATE – 1867 - 1931



Padis, 2006.

A indústria ervateira paranaense sofreu outro duro golpe no ano de 1926, com o governo argentino aumentando para 60% os impostos para a importação do mate beneficiado. A partir de então, o mate foi perdendo em participação e começou a dar lugar ao café e a madeira.

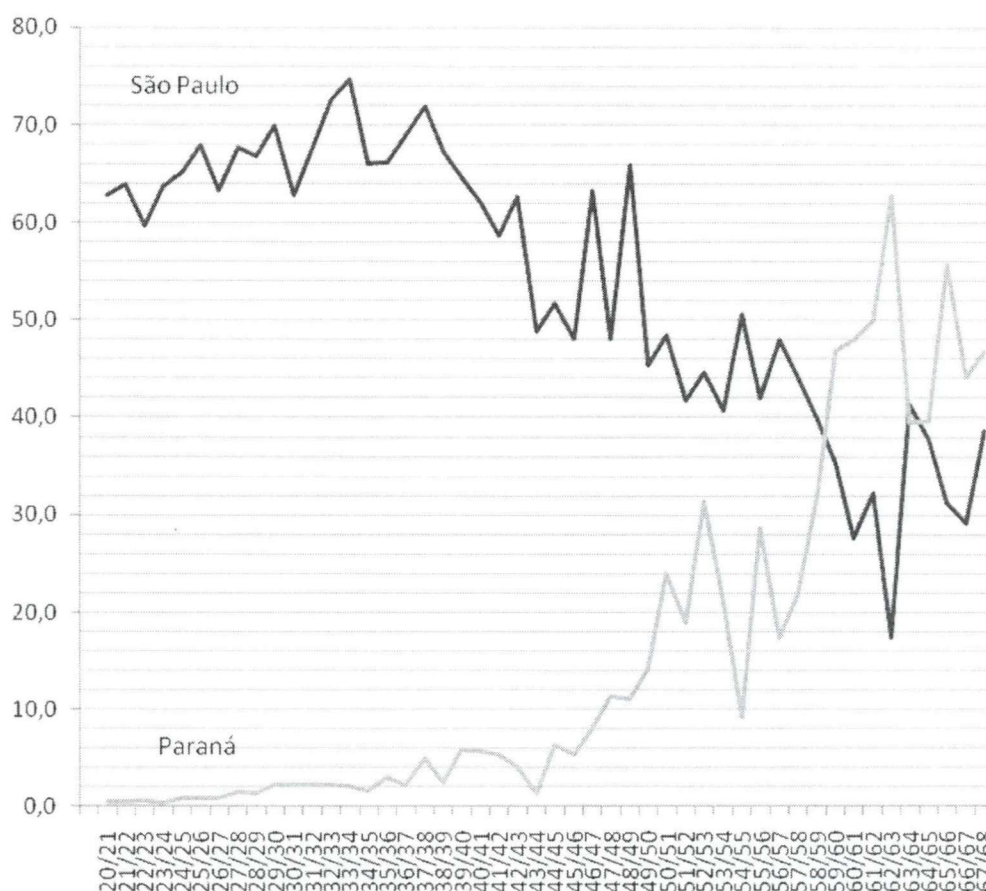
3.2 O CAFÉ

A produção de café no Norte do Paraná iniciou como forma de expansão da cafeicultura paulista, aliados ao solo fértil da região. Essa região era muito mais ligada ao estado de São Paulo do que ao restante do Paraná, havendo inclusive esfor-

ços de alguns para que a região perdesse vínculo político com o Paraná e se tornasse pertencente a São Paulo.

No começo da década de 1920, a produção cafeeira paranaense era pouco significativa em relação à produção nacional. Nos anos seguintes não aconteceram grandes mudanças (gráfico 3): São Paulo continuava hegemônico e o Paraná avançava lentamente. Desta forma seguiu até o ano de 1945.

GRÁFICO 3 – PARTICIPAÇÃO RELATIVA NA PRODUÇÃO NACIONAL DE CAFÉ – PARANÁ E SÃO PAULO – 1920 - 1968



FONTE: Padis, 2006.

A partir da segunda metade da década de 1940, como se pode reparar, a cafeeicultura paranaense avançou de forma virtuosa, chegando a responder por 24% da produção nacional na safra 1950-51 (tabela 2). Durante esse período, os produtores paranaenses foram beneficiados pelo fim do controle de preços, estabelecido pelos

Estados Unidos, logo após o fim do conflito mundial, e também pelo aumento do consumo, fato comum em períodos pós-guerra.

TABELA 2 – PARTICIPAÇÃO RELATIVA NA PRODUÇÃO NACIONAL DE CAFÉ – PARANÁ E SÃO PAULO – 1920 - 1968

Safr	PRODUÇÃO DE CAFÉ (mil sacas de 60 kg)				
	BRASIL	SP	SP/BR %	PR	PR/BR %
20/21	16 328	10 246	62,8	70	0,4
21/22	12 826	8 198	63,9	58	0,5
22/23	11 798	7 047	59,7	66	0,6
23/24	16 279	10 374	63,7	53	0,3
24/25	14 108	9 193	65,2	117	0,8
25/26	14 852	10 087	67,9	120	0,8
26/27	15 604	9 877	63,3	120	0,8
27/28	26 595	17 982	67,6	375	1,4
28/29	13 188	8 815	66,8	181	1,4
29/30	27 880	19 490	69,9	596	2,1
30/31	16 085	10 097	62,8	347	2,2
31/32	27 693	18 693	67,5	604	2,2
32/33	16 100	11 689	72,6	360	2,2
33/34	29 276	21 850	74,6	600	2,0
34/35	16 950	11 200	66,1	260	1,5
35/36	20 414	13 497	66,1	613	3,0
36/37	25 455	17 524	68,8	547	2,1
37/38	21 825	15 687	71,9	1 066	4,9
38/39	23 221	15 613	67,2	579	2,5
39/40	19 138	12 365	64,6	1 108	5,8
40/41	16 456	10 217	62,1	932	5,7
41/42	15 797	9 275	58,7	836	5,3
42/43	13 613	8 528	62,6	550	4,0
43/44	12 160	5 936	48,8	160	1,3
44/45	9 137	4 722	51,7	579	6,3
45/46	12 701	6 101	48,0	674	5,3
46/47	14 019	8 874	63,3	1 138	8,1
47/48	13 572	6 523	48,1	1 530	11,3
48/49	16 952	11 173	65,9	1 883	11,1
49/50	16 303	7 391	45,3	2 318	14,2
50/51	16 754	8 118	48,5	4 026	24,0
51/52	15 021	6 261	41,7	2 843	18,9
52/53	16 100	7 185	44,6	5 048	31,4
53/54	15 148	6 162	40,7	3 198	21,1
54/55	14 512	7 333	50,5	1 337	9,2
55/56	22 064	9 268	42,0	6 306	28,6
56/57	12 535	6 019	48,0	2 176	17,4
57/58	21 628	9 538	44,1	4 731	21,9
58/59	26 807	10 697	39,9	8 590	32,0
59/60	44 140	15 620	35,4	20 691	46,9
60/61	29 848	8 242	27,6	14 320	48,0
61/62	35 860	11 558	32,2	17 942	50,0
62/63	28 703	4 999	17,4	18 032	62,8
63/64	23 153	9 579	41,4	9 157	39,5
64/65	18 063	6 821	37,8	7 146	39,6
65/66	37 776	11 828	31,3	21 058	55,7
66/67	17 505	5 098	29,1	7 727	44,1
67/68	23 374	9 029	38,6	10 912	46,7

FONTE: IBC - Anuário Estatístico do Café, 1968

Citado por Padis, 2006.

Os preços continuaram subindo até 1954, enquanto a participação relativa do Estado se alternava entre elevações e quedas. A partir da safra 1956/57, o Paraná colecionou uma série de resultados positivos, ultrapassado a produção do Estado de São Paulo e atingindo a impressionante marca de 62,8% de todo o café produzido no país na safra 1962/63. Nos anos seguintes não se verificou o mesmo vigor, pois o cultivo foi prejudicado por condições climáticas desfavoráveis.

O excesso de capacidade produtiva e a existência de café de baixa qualidade levaram o governo à *política de erradicação dos cafeeiros*, que entre 1965 e 1967 destruiu cerca de 10% dos pés plantados em solo paranaense.

Em relação ao embarque para o exterior, o porto de Santos foi o preferido durante muito tempo para o embarque do café paranaense. Apesar da distância maior, o porto paulista levou vantagem sobre o porto de Paranaguá devido às condições de acesso e também à própria estrutura do porto, mais moderno que o porto paranaense. Essa superioridade santista é descrita por Monbeig⁵, citado por Padis (2006 p. 183):

A superioridade de Santos é devida em grande parte à sua situação geográfica, ao equipamento de seu porto e ao traçado geral da rede de comunicações paulistas. É preciso notar que (no caso) do café, as grandes firmas exportadoras e os serviços anexos (classificação, prova etc.) estão localizados em Santos precisamente porque nos seus armazéns é que se concentram todos os tipos de café provenientes de regiões diferentes. É, portanto, em Santos que se acham reunidos os escritórios das firmas exportadoras. Estas firmas são pouco numerosas e compreendem ao lado de velhas casas brasileiras, sólidas empresas americanas que operam na maioria das exportações (...) (...). A preponderância de Santos retardou o desenvolvimento do Porto de Paranaguá. Nos últimos anos, entretanto, seu tráfego aumentou rapidamente, não só por causa da abundância das colheitas do norte do Estado, como também pela melhoria das comunicações. A função comercial de Paranaguá, porém, está na mão das firmas de Santos. Ligações pelo rádio e serviços de aviões particulares, permitem, aos homens de negócios de Santos manter contato com suas filiais de Paranaguá.

⁵ MONBEIG, Pierre. Pequeno ensaio sobre geografia e economia do café. In: NOVOS estudos de geografia urbana brasileira. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957. p. 171-172.

Na década de 1950, o percentual da produção nacional exportada via porto de Paranaguá permaneceu sem grandes mudanças, variando entre 17,2% e 18,4% (tabela 3).

TABELA 3 – EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ, SEGUNDO PORTO DE EMBARQUE – 1944 – 1967

ANO	EXPORTAÇÃO DE CAFÉ (100 sc 60 kg)						
	BRASIL	SANTOS	SANTOS/BR (%)	PARANAGUÁ	PARANAGUA/BR (%)	OUTROS	OUTROS /BR (%)
47/49	51 548	32 436	62,9	4 277	8,3	14 835	28,8
50/52	47 014	24 170	51,4	8 112	17,3	14 732	31,3
53/55	40 176	19 349	48,2	7 289	18,1	13 538	33,7
56/58	44 018	22 061	50,1	8 088	18,4	13 869	31,5
59/61	51 513	22 382	43,4	9 399	18,2	19 732	38,3
62/64	50 839	20 331	40,0	13 808	27,2	16 700	32,8
65/67	47 859	19 363	40,5	15 783	33,0	12 713	26,6

FONTE: IBC - Anuário Estatístico do Café

Somente a partir de 1961, com a construção da rodovia do café, ligando o Norte do Estado até Paranaguá, é que o volume de café exportado via porto de Paranaguá começou a auferir melhores resultados. Também nessa época ocorrem investimentos públicos na infra-estrutura do porto, seguindo o mesmo caminho iniciado por Santos anteriormente. Segundo Padis (2006, p. 184) "...pode-se afirmar que o que ocorre com o porto de Paranaguá e quase o símbolo das relações de dependência e periferia da economia paranaense em relação ao centro dinâmico industrial do país".

3.3 AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DOS ANOS 70

Até a década de 1970, a indústria paranaense era bastante rudimentar, sustentada basicamente pelo beneficiamento de produtos agrícolas, com destaque para o café, madeira e óleos vegetais. Esta década viu transformações profundas na es-

trutura industrial do estado, que deixou de ser predominantemente agrícola e logrou o desenvolvimento de uma indústria dotada de certo dinamismo.

A participação relativa da indústria avançou mais de onze pontos percentuais na renda interna do Estado entre os anos de 1970 e 1980, enquanto agricultura recuou (tabela 4).

TABELA 4 – PARTICIPAÇÃO RELATIVA DOS SETORES NA RENDA INTERNA DO PARANÁ – 1970 - 1980

ANO	PARTICIPAÇÃO (%)			
	Agricultura	Indústria	Serviços	TOTAL
1970	25,17	16,62	58,21	100,00
1971	32,22	14,88	51,90	100,00
1972	30,71	18,10	51,19	100,00
1973	27,74	19,67	52,59	100,00
1974	30,04	19,41	50,55	100,00
1975	28,34	19,27	52,39	100,00
1976	19,19	22,31	58,50	100,00
1977	25,56	22,49	51,95	100,00
1978	19,44	27,25	53,51	100,00
1979	19,04	26,14	52,82	100,00
1980	18,53	28,07	53,40	100,00

FONTE: Fundação IPARDES

Não por acaso a participação da indústria começa a avançar com mais intensidade após o ano de 1975, ano da inauguração da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), criada pouco mais de dois anos antes. Entre as empresas pioneiras destacam-se: New Holland, a Siemens/Equitel, Volvo, Philip Morris e os grupos paranaenses Hübner, Plastipar e Inepar.

No mês de maio de 1977, a Petrobrás inaugurou a Refinaria Getúlio Vargas, na cidade de Araucária, dando grande impulso à indústria química, na qual antes predominava a fabricação de óleos vegetais e adubos e fertilizantes.

A indústria química representava mais de 30% na distribuição do valor adicionado da indústria paranaense no ano de 1979 (tabela 5), contra 2,54% quatro anos antes, ao passo que setores como materiais de transporte e produtos alimentares reduziram a participação no mesmo período.

Outros gêneros que apresentam certo destaque é o de material elétrico e comunicação, representados pela Siemens/Equitel, entre outras, que passou de 0,54% em 1970 para 2,72% em 1979, e o fumo, de empresas como a Phillip Morris, que em 1970 respondia por 0,17% e chegou a 1979 com 3,66% do valor adicionado das indústrias de transformação no Paraná.

TABELA 5 – DISTRIBUIÇÃO DO VALOR ADICIONADO DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO, SEGUNDO GÊNEROS INDUSTRIAIS, NO PARANÁ – 1970/1979

GÊNERO	DISTRIBUIÇÃO (%)		
	1970	1975	1979
Extração e Transformação de Minerais Não Metálicos	8,51	7,55	7,34
Metalurgia	3,24	3,02	2,99
Mecânica	3,28	3,22	3,00
Material Elétrico e Comunicação	0,54	1,57	2,72
Material de Transporte	1,76	0,86	0,77
Madeira	22,50	18,59	14,56
Mobiliário	3,89	2,83	2,51
Papel e Papelão	5,20	6,50	6,22
Borracha	0,78	0,37	0,19
Couros, Peles e Produtos Similares	0,84	0,52	0,32
Química	7,73	2,54	30,21
Óleos	-	4,93	3,87
Aduos e Fertilizantes	-	3,50	3,37
Produtos Farm. e Medicinais, Perf. Sabões e Velas	0,75	0,18	0,16
Produtos de Matéria Plástica	1,22	1,72	1,85
Têxtil	8,46	2,64	2,18
Vestuário, Calçados e Artigos de Tecido	0,52	0,59	0,59
Produtos Alimentares	23,67	29,00	17,03
Bebidas	2,98	1,93	2,30
Fumo	0,17	1,43	3,66
Editorial e Gráfica	3,14	0,75	0,64
Diversos	0,82	5,76	0,64
TOTAL	100,00	100,00	100,00

FONTES: FIBGE (1970), SEFI (1975, 1979)

3.4 CONSIDERAÇÕES DO PERÍODO PRÉ 1996

Durante a maior parte do período do século XX o comércio exterior do Paraná foi predominantemente agrícola, sem muita tecnologia empregada. Produtos como o mate, o café, a madeira e a soja tiveram grandes momentos, mas é sempre perigoso um grau tão alto de dependência destes produtos. Um movimento nos preços internacionais, ou alterações climáticas podem causar conseqüências desastrosas para a

economia local, por isso o resultados para a economia paranaense variavam entre bons e maus momentos (tabela 6).

TABELA 6 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES –
1980 – 1995

ANO	US\$ mil FOB	(Var. %)
1980	1 994 849	-
1981	2 402 024	20,41
1982	1 674 923	-30,27
1983	1 462 945	-12,66
1984	1 841 973	25,91
1985	1 825 464	-0,90
1986	1 217 480	-33,31
1987	1 638 922	34,62
1988	2 005 632	22,38
1989	1 983 340	-1,11
1990	1 868 168	-5,81
1991	1 807 229	-3,26
1992	2 110 039	16,76
1993	2 481 143	17,59
1994	3 506 749	41,34
1995	3 567 346	1,73

FONTE: MDIC/SECEX

Na segunda metade do século aumentaram os esforços em prol da industrialização, que no início consistia no beneficiamento de produtos agrícolas. Na década de 1970, viu-se no Paraná um surto de industrialização sem precedentes, favorecido por uma série de investimentos na área de infra-estrutura, na década anterior.

A participação da indústria na renda do Estado cresceu muito nessa época, suplantando a participação da agricultura. A indústria cresceu e se diversificou, o que permitiu ao Paraná a ampliação da gama de produtos exportados.

Nos anos anteriores a 1996, observava-se no Estado novas oportunidades de industrialização, sem que tivesse sido deixada de lado a vocação agrícola, mesmo com sua participação relativa reduzindo consideravelmente ao longo dos anos (tabe-

la 7). Do total exportado pelo Paraná em 1980, mais de três quartos correspondia a produtos básicos.

Durante a década de 1980 a pauta exportadora começou a demonstrar os resultados dos investimentos da década anterior, principalmente na indústria. Em 1984 a participação dos produtos manufaturados nas exportações paranaenses foi de 36,45%. Em 1980 essa participação havia sido de apenas 11,83%

TABELA 7 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1980-1995

ANO	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS				OPERAÇÕES ESPECIAIS		TOTAL (US\$ mil FOB)
			Semimanufaturados		Manufaturados				
	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	
1980	1 525 496	76,47	204 013	10,23	235 955	11,83	29 385	1,47	1 994 849
1981	1 578 294	65,71	250 316	10,42	541 587	22,55	31 827	1,33	2 402 024
1982	1 140 108	68,07	106 669	6,37	409 124	24,43	19 022	1,14	1 674 923
1983	1 012 405	69,20	79 971	5,47	349 526	23,89	21 043	1,44	1 462 945
1984	966 205	52,45	177 247	9,62	671 435	36,45	27 086	1,47	1 841 973
1985	928 902	50,89	175 665	9,62	698 346	38,26	22 551	1,24	1 825 464
1986	688 996	56,59	43 324	3,56	472 821	38,84	12 339	1,01	1 217 480
1987	969 288	59,14	120 707	7,37	533 758	32,57	15 169	0,93	1 638 922
1988	1 167 554	58,21	149 328	7,45	678 177	33,81	10 573	0,53	2 005 632
1989	1 192 665	60,13	178 327	8,99	601 886	30,35	10 462	0,53	1 983 340
1990	1 035 355	55,42	203 537	10,90	618 389	33,1	10 887	0,58	1 868 168
1991	939 248	51,75	179 988	9,96	678 770	37,56	13 223	0,73	1 807 229
1992	1 067 932	50,61	206 642	9,79	822 506	38,98	12 959	0,61	2 110 039
1993	1 191 871	48,04	192 267	7,75	1 081 457	43,59	15 548	0,63	2 481 143
1994	1 459 424	41,62	487 597	13,90	1 538 079	43,86	21 649	0,62	3 506 749
1995	1 439 114	40,34	646 613	18,13	1 463 107	41,01	18 511	0,52	3 567 346

FONTE: MDIC/SECEX

O próximo capítulo analisa de que forma o comércio exterior paranaense evoluiu a partir do ano de 1996 até os anos atuais.

4 EXPORTAÇÕES PARANAENSES ENTRE 1996 E 2007

Durante o período analisado neste capítulo, grandes mudanças afetaram a economia brasileira e conseqüentemente a economia paranaense, com reflexos no comércio exterior. Neste capítulo as exportações paranaenses são analisadas sob diversas óticas, traduzindo em números os resultados destas mudanças.

Em primeiro lugar, são apresentados e comentados os resultados dos grupos e subgrupos, ou seja, os principais produtos e seus respectivos setores. Esses números ajudarão a explicar os resultados do item seguinte deste capítulo, que apresenta o comércio paranaense segundo fator agregado, que faz a separação entre produtos básicos e industrializados.

A seguir, temos os resultados segundo principais destinos, separados por blocos econômicos, apresentando a comparação entre os anos de 1996 e 2007, que apresentaram uma tendência crescente em relação à conquista de novos mercados.

No item subsequente é realizada uma análise acerca da composição das empresas exportadoras paranaenses, com destaque para montadoras de automóveis, fabricantes de autopeças e agroindústrias.

Finalmente temos uma comparação entre a evolução das exportações paranaenses e brasileiras, ano após ano, entre 1996 e 2006 e em seguida são apresentadas as considerações sobre este capítulo.

4.1 EXPORTAÇÃO SEGUNDO GRUPOS E SUBGRUPOS

Não é necessária uma análise muito criteriosa da tabela 8, para que se notem alterações bastante significativas na composição das exportações paranaenses entre os anos de 1996 e 2007. As alterações ocorrem tanto entre os diversos grupos de produtos, quanto dentro destes grupos, com alterações nos subgrupos.

TABELA 8 - EXPORTAÇÕES SEGUNDO GRUPOS E SUBGRUPOS DE PRODUTOS - PARANÁ - 1996-2007

continua

GRUPO / SUBGRUPO	1996		2007		VAR. (%)
	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	
Complexo soja	2 008 923 866	47,31	2 714 320 821	21,97	35,11
Soja em grão	405 247 944	9,54	1 048 138 915	8,48	158,64
Farelo de soja	1 276 594 045	30,07	949 299 769	7,68	-25,64
Óleo de soja bruto	299 986 757	7,07	475 102 839	3,85	58,37
Óleo de soja refinado	-	-	241 758 956	1,96	-
Óleo de soja, exceto óleo bruto ou refinado	27 095 120	0,64	20 342	0,00	-99,92
Material de transporte e componentes	128 890 109	3,04	2 411 726 105	19,52	1.771,15
Automóveis	-	-	1 000 489 337	8,10	-
Motores para veículos	31 230 545	0,74	494 008 772	4,00	1.481,81
Tratores	58 711 873	1,38	276 185 683	2,24	370,41
Autopeças	5 020 431	0,12	236 517 671	1,91	4.611,10
Veículos de carga	6 088 200	0,14	212 110 880	1,72	3.383,97
Chassis e carroc. para veículos automóveis	3 389 481	0,08	99 473 500	0,81	2.834,77
Ônibus	21 213 387	0,50	65 895 526	0,53	210,63
Helicópteros	747 981	0,02	6 935 053	0,06	827,17
Reboques para transporte de mercadorias	1 371 672	0,03	5 655 320	0,05	312,29
Pneumáticos e câmaras de ar	223 661	0,01	1 093 955	0,01	389,11
Partes e peças de aviões e helicópteros	-	-	26 107	0,00	-
Trens e materiais para vias férreas	875	0,00	18 755	0,00	2.043,43
Motocicletas	1 780	0,00	7 573	0,00	325,45
Demais materiais de transporte	890 223	0,02	13 307 973	0,11	1.394,90
Complexo carnes	250 218 380	5,89	1 417 484 408	11,47	466,50
Carne de frango "in natura"	210 404 982	4,96	1 111 484 465	9,00	428,26
Carne suína "in natura"	18 970 448	0,45	58 964 701	0,48	210,82
Carne de peru "in natura"	4 229	0,00	44 344 013	0,36	1.048.469,71
Carne de frango industrializada	1 194 351	0,03	39 471 029	0,32	3.204,81
Carne bovina "in natura"	11 939 349	0,28	8 132 592	0,07	-31,88
Carne bovina industrializada	39 453	0,00	1 356 918	0,01	3.339,33
Demais carnes	7 665 568	0,18	153 730 690	1,24	1.905,47
Madeiras e manufaturas de madeira	264 253 461	6,22	1 038 370 058	8,41	292,94
Madeira compensada ou contraplacada	91 853 139	2,16	404 920 408	3,28	340,83
Madeira serrada	75 811 908	1,79	174 956 522	1,42	130,78
Obras de marcenaria ou de carpintaria	41 751 361	0,98	163 996 547	1,33	292,79
Painéis de fibras ou de partículas de madeira	4 505 195	0,11	62 283 017	0,50	1.282,47
Madeira laminada	20 626 055	0,49	38 632 529	0,31	87,30
Demais madeiras e manufaturas de madeira	29 705 803	0,70	193 581 035	1,57	551,66
Cereais	30 050 829	0,71	689 480 579	5,58	2.194,38
Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos	289 678 111	6,82	649 572 766	5,26	124,24
Compressores e bombas	194 925 833	4,59	189 035 268	1,53	-3,02
Máq. e ap. de uso agrícola, exceto tratores	33 074 376	0,78	99 150 741	0,80	199,78
Refrigeradores e congeladores	21 852 697	0,51	70 878 825	0,57	224,35
Máq. e ap. de elevação de carga e descarga	2 156 462	0,05	45 973 795	0,37	2.031,91
Rolamentos e engrenagens	5 547 028	0,13	37 340 956	0,30	573,17
Aparelhos de ar-condicionado	908 322	0,02	19 480 414	0,16	2.044,66
Torneiras e válvulas	1 608 782	0,04	17 054 841	0,14	960,11
Aparelhos para filtrar ou depurar	843 844	0,02	10 792 001	0,09	1.178,91
Máq. e ap. para fab. de pasta celulósica e pap.	1 515 168	0,04	3 933 691	0,03	159,62
Computadores e acessórios	16 767	0,00	2 341 526	0,02	13.865,09
Máq. e ap. para encher, fechar, etc. recipientes	782 915	0,02	1 462 066	0,01	86,75
Máquinas e ap. para trabalhar pedra e minério	44 630	0,00	886 467	0,01	1.886,26
Máquinas e ap. de terraplanagem, perfuração	33 707	0,00	511 899	0,00	1.418,67
Laminadores de metais	8 187	0,00	125 775	0,00	1.436,28
Máquinas de costura	3 393 315	0,08	18 779	0,00	-99,45
Demais máquinas, ap. e instr. mecânicos	22 966 078	0,54	150 585 722	1,22	555,69

GRUPO / SUBGRUPO	1996		2007		conclusão
	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	VAR. (%)
	Açúcar	84 729 258	2,00	398 030 180	3,22
Açúcar bruto	84 661 243	1,99	384 415 322	3,11	354,06
Açúcar refinado	68 015	0,00	13 614 858	0,11	19.917,43
Produtos químicos	78 309 412	1,84	383 840 797	3,11	390,16
Adubos e fertilizantes	12 815 109	0,30	122 507 657	0,99	855,96
Plásticos e suas obras	6 565 422	0,15	76 360 513	0,62	1.063,07
Produtos químicos orgânicos	20 556 143	0,48	65 644 535	0,53	219,34
Produtos químicos inorgânicos	7 420 035	0,17	20 985 352	0,17	182,82
Óleos essenciais e resinóides	1 909 040	0,04	15 639 835	0,13	719,25
Produtos farmacêuticos	432 111	0,01	6 720 469	0,05	1.455,26
Extratos tanantes e tintoriais	477 190	0,01	5 127 993	0,04	974,62
Produtos para fotografia	10 262	0,00	113 943	0,00	1.010,34
Demais produtos químicos	28 124 100	0,66	70 740 500	0,57	151,53
Derivados de petróleo	67 648 266	1,59	345 488 272	2,80	410,71
Óleos e combustíveis para consumo de bordo	21 869 903	0,52	165 249 357	1,34	655,60
Gasolina	3 733 680	0,09	93 687 526	0,76	2.409,25
Óleos e combustíveis	39 179 160	0,92	78 168 326	0,63	99,52
Óleos lubrificantes	571 908	0,01	2 506 828	0,02	338,33
Demais derivados de petróleo	2 293 615	0,05	5 876 235	0,05	156,20
Papel e celulose	180 170 382	4,24	344 046 011	2,79	90,96
Papel	179 607 140	4,23	340 418 474	2,76	89,54
Celulose	563 242	0,01	3 627 537	0,03	544,05
Outros grupos de produtos	1 314 266 200	30,95	1 960 497 475	15,87	49,17
TOTAL	4 245 904 871	100,00	12 352 857 472	100,00	190,94

FONTE: MDIC-SECEX

NOTAS: Elaboração do IPARDES.

Ao observarmos a tabela, percebe-se claramente uma grande retração da participação do complexo soja, que sozinho respondia por quase a metade do valor total exportado pelo Paraná, reduziu sua participação para 21,97%, enquanto o setor de material de transporte e componentes, antes responsável por uma discreta participação de pouco mais de 3%, deteve em 2007 quase um quinto do valor total exportado.

Outros grupos também obtiveram resultados positivos, se comparados aos resultados de 1996, como o complexo carnes, madeira, cereais, açúcar, produtos químicos e derivados de petróleo.

4.1.1 Complexo Soja

Após o café paranaense viver seu auge na década de 1960, a partir da década de 1970 foi a vez da soja ganhar espaço. Durante as últimas décadas, o complexo soja manteve uma liderança sem ameaças no ranking das exportações paranaenses e até o fim da década de 1990, o Paraná ocupou a primeira colocação na produção nacional do produto (tabela 9), posto perdido nos últimos anos para o Estado do Mato Grosso

TABELA 9 – PRODUÇÃO DE SOJA, BRASIL E UNIDADES DA FEDERAÇÃO – 1996 – 2007

Ano	QUANTIDADE PRODUZIDA (toneladas)						
	BR	PR	PR/BR (%)	MT	MT/BR (%)	RS	RS/BR (%)
1996	23 166 874	6 440 468	27,80	5 032 921	21,72	4 235 532	18,28
1997	26 392 636	6 582 321	24,94	6 060 882	22,96	4 755 000	18,02
1998	31 307 440	7 314 138	23,36	7 228 052	23,09	6 462 515	20,64
1999	30 987 476	7 755 284	25,03	7 473 028	24,12	4 467 110	14,42
2000	32 820 826	7 188 386	21,90	8 774 470	26,73	4 783 895	14,58
2001	37 907 259	8 615 187	22,73	9 533 286	25,15	6 951 830	18,34
2002	42 107 618	9 538 774	22,65	11 684 885	27,75	5 610 518	13,32
2003	51 919 440	11 009 946	21,21	12 965 983	24,97	9 579 297	18,45
2004	49 549 941	10 219 005	20,62	14 517 912	29,30	5 541 714	11,18
2005	51 182 074	9 492 153	18,55	17 761 444	34,70	2 444 540	4,78
2006	52 464 640	9 362 901	17,85	15 594 221	29,72	7 559 291	14,41
2007	58 038 033	11 876 790	20,46	15 274 887	26,32	9 929 005	17,11

Ano	QUANTIDADE PRODUZIDA (toneladas)						
	BR	GO	GO/BR (%)	MS	MS/BR (%)	Outros	OUTROS/BR (%)
1996	23 166 874	1 962 489	8,47	2 003 904	8,65	3 491 560	15,07
1997	26 392 636	2 464 173	9,34	2 184 283	8,28	4 345 977	16,47
1998	31 307 440	3 409 006	10,89	2 319 161	7,41	4 574 568	14,61
1999	30 987 476	3 419 858	11,04	2 799 117	9,03	5 073 079	16,37
2000	32 820 826	4 092 934	12,47	2 486 120	7,57	5 495 021	16,74
2001	37 907 259	4 052 169	10,69	3 115 030	8,22	5 639 757	14,88
2002	42 107 618	5 405 589	12,84	3 267 084	7,76	6 600 768	15,68
2003	51 919 440	6 319 213	12,17	4 090 892	7,88	7 954 109	15,32
2004	49 549 941	6 091 676	12,29	3 282 705	6,63	9 896 929	19,97
2005	51 182 074	6 983 860	13,65	3 718 514	7,27	10 781 563	21,07
2006	52 464 640	6 017 719	11,47	4 153 542	7,92	9 776 966	18,64
2007	58 038 033	5 937 727	10,23	4 846 031	8,35	10 173 593	17,53

FONTE: IBGE - Pesquisa Agrícola Municipal

Várias cidades do interior do Estado são, ainda hoje, fortemente dependentes da agricultura, com destaque para a soja, o milho e o trigo. Essa dependência já foi maior. Ao analisarmos a tabela 9, pode-se verificar que no ano de 1996 a soja foi

responsável pela exportação de US\$ 2.008.923.866, o que representou naquele ano 47,31% de todo o valor exportado pelo Paraná, sendo que apenas de farelo de soja o valor exportado foi de US\$ 1.276.594.045 ou 30,07% das exportações do Estado.

Entre 1996 e 2007 todos os subgrupos do complexo soja reduziram a sua participação na pauta exportadora, com exceção do óleo de soja refinado, que não registrou participação alguma no ano de 1996, ao passo que, em 2007, foi responsável por 8,91% do total obtido pelo complexo soja.

4.1.2 Materiais de Transporte e Componentes

Este é sem dúvida o setor com maior destaque entre todos analisados. Na segunda metade da década de 1990, o Paraná viu um grande desenvolvimento em sua indústria automobilística. Em 1998 foram inauguradas as plantas da Renault e da Chrysler e no ano seguinte foi inaugurada a fábrica da VW/Audi na região metropolitana de Curitiba.

A Chrysler produziu no município de Campo Largo a *pick-up* Dakota até o ano de 2001. Motivada pela crise da fabricante norte-americana e o fracasso de vendas do veículo, a Chrysler deixou de produzir no país.

A Renault fabrica no Estado diversos modelos entre automóveis e utilitários. A partir do ano de 2002 no mesmo complexo, na cidade de São José dos Pinhais, iniciou-se a produção de dois modelos da marca japonesa Nissan, pertencente à Renault, a *pick-up* Frontier e o utilitário X-terra. Somando a produção de Renault e Nissan, entre 2002 e 2007 passou de 51784 para 106569 automóveis fabricados anualmente, uma variação de mais de 100%.

Também em São José dos Pinhais, existe a fábrica da Volkswagen uma das mais modernas do grupo em todo o mundo. Possui capacidade para produzir 810 veículos por dia e fabrica atualmente os modelos Golf, Fox, Fox Exportação e Cross-fox. Em alguns anos houve a produção da *pick-up* Saveiro e entre os anos de 1999

e 2006 foi produzido o modelo A3, da Audi, produzido na mesma linha de montagem do Golf. O veículo foi o único modelo da Audi já produzido fora da Alemanha.

A produção de uma das versões do Fox, destinado ao mercado europeu impulsionou as exportações paranaenses de automóveis a partir de 2004 e nos anos seguintes. A total de unidades exportadas em 2005 foi mais do que o dobro da quantidade registrada no ano de 2003 (tabela 10)

TABELA 10 – EXPORTAÇÃO PARANAENSE DE AUTOMÓVEIS – 1996 - 2007

ANO	UNIDADES	VAR (%)
2007	105 300	27,81
2006	82 387	-34,92
2005	126 588	86,04
2004	68 042	22,10
2003	55 728	-1,47
2002	56 560	-6,73
2001	60 643	16,89
2000	51 882	973,05
1999	4 835	*
1998	1	-
1997	-	-
1996	-	-

FONTE: MDIC/SECEX

*Superior a 1000%

Ganham destaque pela tabela de subgrupos (tabela 6) os itens tratores, ônibus e veículos de carga. O primeiro representado pela New Holland e os últimos pela Volvo, ambas instaladas no Estado na década de 1970.

4.1.3 Complexo Carnes

No complexo carnes o subgrupo mais representativo é a carne de frango *in natura*, com mais de 78% do valor total do item. O Paraná é o maior abatedor de aves do Brasil. Os principais destinos do frango paranaense são o Oriente Médio e a Ásia (tabela 11) com pouco mais de 64% do valor total de carne de frango exportada pelo Paraná.

Merece destaque também a carne de peru. Em 1996, o volume exportado de carne da ave era insignificante. Ao final do ano de 2007 o valor registrado foi de mais de U\$\$ 44 milhões.

Os resultados da carne bovina foram comprometidos pelo embargo aplicado por diversos países à carne paranaense, em função de indícios de febre aftosa.

TABELA 11 – EXPORTAÇÕES DE CARNE DE FRANGO DO PARANÁ, SEGUNDO PRINCIPAIS MERCADOS – 1999 – 2006

ANO	ÁSIA*		ORIENTE MÉDIO		RÚSSIA		UE		OUTROS		TOTAL
	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	
1999	47 203	17,75	185 756	69,84	530	0,20	14 825	5,57	17 663	6,64	265 977
2000	36 398	16,29	145 973	65,32	634	0,28	22 907	10,25	17 560	7,86	223 472
2001	48 793	14,94	178 833	54,76	9 485	2,90	68 414	20,95	21 057	6,45	326 582
2002	70 639	21,02	141 417	42,07	26 585	7,91	83 367	24,80	14 104	4,20	336 112
2003	92 307	20,50	192 310	42,71	21 064	4,68	105 920	23,52	38 692	8,59	450 293
2004	193 213	28,26	272 148	39,81	28 421	4,16	99 080	14,49	90 732	13,27	683 594
2005	267 161	28,02	341 157	35,78	54 573	5,72	183 361	19,23	107 352	11,26	953 604
2006	243 909	28,12	319 143	36,79	142	0,02	187 546	21,62	116 629	13,45	867 369

* Exclusive Oriente Médio

FONTE: MDIC/SECEX

NOTA: Dados trabalhados pelo IPARDES.

4.1.4 Demais grupos de produtos

Em relação aos demais grupos de produtos, avanços significativos podem ser notados em madeiras e manufaturas de madeira, cereais, açúcar, produtos químicos e nos derivados de petróleo. Por outro lado, a participação foi menor do que em 1996, nos grupos máquinas e instrumentos mecânicos, papel e celulose e nos demais produtos não comentados acima.

4.2 EXPORTAÇÕES SEGUNDO FATOR AGREGADO

Ao analisarmos as exportações paranaenses sob a ótica do fator agregado, observa-se claramente um aumento na participação dos produtos industrializados (tabela 12), notadamente os produtos manufaturados, em detrimento dos produtos básicos. Em 1996 os produtos básicos detinham praticamente a metade do valor exportado pelo Paraná. Os anos seguintes, com exceção de 1997, foram de queda até o ano de 2000. Em 2001 houve uma recuperação na participação dos produtos básicos, mantida até o ano de 2004. Nos anos seguintes, devido a problemas ligados principalmente à quebras de safra, os resultados demonstraram retração, atingindo em 2006 a participação de 29,3%, um resultado abaixo dos 30% pela primeira vez na história.

TABELA 12 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO FATOR AGREGADO - 1996-2007

ANO	BÁSICOS		INDUSTRIALIZADOS				OPERAÇÕES ESPECIAIS		TOTAL (US\$ mil FOB)
			Semimanufaturados		Manufaturados				
	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	US\$ mil FOB	Part. (%)	
1996	2 081 290	49,02	576 682	13,58	1 562 959	36,81	24 974	0,59	4 245 905
1997	2 524 220	52,01	560 259	11,54	1 740 382	35,86	28 727	0,59	4 853 587
1998	1 918 814	45,38	665 062	15,73	1 614 175	38,18	29 944	0,71	4 227 995
1999	1 735 679	44,14	626 797	15,94	1 528 134	38,86	41 954	1,07	3 932 564
2000	1 661 224	37,82	498 625	11,35	2 156 708	49,10	75 534	1,72	4 392 091
2001	2 280 929	42,89	561 244	10,55	2 414 089	45,40	61 247	1,15	5 317 509
2002	2 383 978	41,82	668 790	11,73	2 574 063	45,16	73 368	1,29	5 700 199
2003	2 984 894	41,73	877 823	12,27	3 212 969	44,92	77 549	1,08	7 153 235
2004	3 908 802	41,60	969 038	10,31	4 428 832	47,13	89 862	0,96	9 396 534
2005	3 297 487	32,90	993 480	9,91	5 597 653	55,85	134 049	1,31	10 022 669
2006	2 930 533	29,30	1 146 908	11,47	5 742 323	57,41	182 177	1,82	10 001 941
2007	4 233 777	34,27	1 318 847	10,68	6 630 908	53,68	169 325	1,37	12 352 857

FONTE: MDIC/SECEX

Esse avanço dos produtos industrializados, já notado ao verificarmos a exportação segundo grupos e subgrupos, é reflexo do avanço da indústria paranaense, acompanhando uma trajetória de desconcentração da indústria paulista. Enquanto os paulistas recuaram mais de dez pontos percentuais, os demais Estados do Cen-

tro-Oeste, o Paraná e a Bahia, juntos cresceram de 26,89% para 35,57% (tabela 13).

A participação de 6,57% em 2006 deixou o Paraná na quarta posição entre os Estados brasileiros, deixando para trás o Rio Grande do Sul, que ocupou a posição nos anos anteriores.

TABELA 13 - DISTRIBUIÇÃO DO VTI, SEGUNDO UNIDADES DA FEDERAÇÃO - BRASIL - 1996/2006

UF	PARTICIPAÇÃO (%)			UF	PARTICIPAÇÃO (%)		
	1996	2001	2006		1996	2001	2006
São Paulo	49,39	43,99	39,29	Maranhão	0,32	0,35	0,54
Rio de Janeiro	8,65	9,28	10,88	Mato Grosso do Sul	0,37	0,39	0,54
Minas Gerais	9,03	9,57	10,43	Sergipe	0,23	0,45	0,49
Paraná	5,23	5,93	6,57	Rio Grande do Norte	0,45	0,54	0,48
Rio Grande do Sul	7,65	8,43	6,53	Alagoas	0,67	0,50	0,42
Bahia	2,66	3,88	5,20	Paraíba	0,36	0,42	0,37
Santa Catarina	4,48	4,86	4,50	Distrito Federal	0,22	0,27	0,25
Amazonas	3,34	3,37	4,08	Rondônia	0,07	0,14	0,16
Espírito Santo	1,31	1,74	2,50	Piauí	0,12	0,15	0,15
Goiás	1,12	1,30	1,77	Tocantins	0,02	0,06	0,05
Pará	1,01	1,36	1,69	Amapá	0,06	0,02	0,04
Pernambuco	1,59	1,24	1,13	Acre	0,01	0,01	0,02
Ceará	1,14	1,11	1,11	Roraima	0,00	0,00	0,01
Mato Grosso	0,49	0,65	0,81	BRASIL	100,00	100,00	100,00

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual

NOTA: Elaboração do IPARDES.

O desenho das atividades econômicas dentro da indústria paranaense apresentou mudanças no período. O avanço da indústria é liderado por indústrias tradicionais, como alimentos e bebidas, que apesar da redução percentual, apresentaram razoável avanço no volume físico (tabela 14).

Também obtiveram grande avanço algumas indústrias modernas, de elevada intensidade tecnológica como o refino de petróleo, que, favorecido pela forte presença estatal, avançou de 5,55% do valor da transformação industrial em 1996 para 20,45% no ano de 2006, que neste mesmo período passou de 3,33% para 11,64%.

TABELA 14 - VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL, SEGUNDO ATIVIDADES ECONÔMICAS - PARANÁ – 1996 2006

ATIVIDADE ECONÔMICA	1996		2001		2006	
	VTI (R\$)	Part. (%)	VTI (R\$)	Part. (%)	VTI (R\$)	Part. (%)
Fabr. de produtos alimentícios e bebidas	2 455 032	29,22	4 352 273	25,27	7 896 831	21,66
Fabr. de coque, refino de petróleo e produção de álcool	466 697	5,55	2 166 893	12,58	7 453 792	20,45
Fabr. e montagem de veículos automotores	280 047	3,33	1 359 477	7,89	4 244 968	11,64
Fabr. de máquinas e equipamentos	680 383	8,10	1 181 856	6,86	2 217 032	6,08
Fabr. de celulose, papel e produtos de papel	465 089	5,54	1 149 338	6,67	2 131 161	5,85
Fabr. de produtos de madeira	440 963	5,25	909 096	5,28	1 913 260	5,25
Fabr. de produtos químicos	565 974	6,74	1 315 472	7,64	1 850 872	5,08
Fabr. de produtos de minerais não-metálicos	317 358	3,78	1 000 094	5,81	1 194 790	3,28
Fabr. de produtos de metal exceto máq. e equipamentos	241 563	2,87	526 660	3,06	1 071 751	2,94
Fabr. de artigos de borracha e plástico	226 912	2,70	521 919	3,03	929 154	2,55
Outras atividades econômicas	2 262 296	26,92	2 736 852	15,89	5 550 738	15,23
TOTAL	8 402 314	100,00	17 219 930	100,00	36 454 349	100,00

FONTE: IBGE - Pesquisa Industrial Anual

NOTA: VTI a preços correntes

4.3 EXPORTAÇÃO SEGUNDO PRINCIPAIS DESTINOS

A União Européia continua sendo o principal destino das exportações paranaenses. A participação do bloco, no entanto, vem caindo no decorrer dos anos, e hoje é de menos de um terço do total embarcado pelo estado (tabela 15). Os asiáticos, também conservaram a posição, mas reduziram a participação, com 13,4% no ano de 2007.

TABELA 15 - EXPORTAÇÕES, SEGUNDO BLOCOS ECONÔMICOS - PARANÁ - 1996-2007

BLOCO ECONÔMICO	1996		2007		VAR. (%)
	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	
Exportação	4 245 904 871	100,0	12 352 857 472	100,00	190,94
União Européia	2 053 436 983	48,4	4 063 807 042	32,9	97,90
Ásia (exclusive Oriente Médio)	719 630 540	16,9	1 659 400 570	13,4	130,59
Mercosul	451 623 056	10,6	1 645 340 023	13,3	264,32
Aladi (exclusive Mercosul)	116 853 534	2,8	1 398 937 228	11,3	1097,17
Oriente Médio	169 112 429	4,0	1 003 554 938	8,1	493,42
Estados Unidos (inclusive Porto Rico)	336 975 950	7,9	888 250 576	7,2	163,59
África (exclusive Oriente Médio)	129 155 222	3,0	579 280 242	4,7	348,51
Outros	269 117 157	6,3	1 114 286 853	9,0	314,05

FONTE: MDIC-SECEX

Os blocos latino-americanos, por sua vez, tiveram grande avanço. A participação do Mercosul (Mercado Comum do Sul) e Aladi (Associação Latino-Americana de Integração) que somadas eram de 13,4% em 1996, atingiu 24,6% no ano de 2007, demonstrando um grande avanço nas relações comerciais do Paraná com os países vizinhos.

A seguir será analisada a participação de cada um destes blocos.

4.3.1 União Européia

A União Européia é, há vários anos, o principal bloco econômico de destino dos produtos paranaenses. Os principais produtos enviados para o Velho Continente são derivados de soja, que ocupam o primeiro e o segundo lugar desde 1996 (tabela 16). Aparece ainda entre os 10 principais produtos, o óleo de soja, na sétima posição. Em 1996 não houve embarque do produto e em 2001 o valor foi discreto.

TABELA 16 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA A UNIÃO EUROPÉIA SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 - 2007

PRODUTO	2007	2001	1996
	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)
Bagaços e outs. resíduos sólidos, da extr. do óleo de soja	733 421 481	650 184 240	1 018 302 506
Outros grãos de soja, mesmo triturados	626 538 793	517 698 189	386 529 818
Milho em grão, exceto para semente	377 465 383	107 851 670	5 541 323
Automóveis c/motor explosão, 1000<cm3<=1500, ate 6 passag	212 584 521	-	-
Outs. mad. comp. folheada, espess. ã sup. a 6mm	184 552 527	-	-
Pedaços e miudezas, comest. de gaios/galinhas, congelados	150 079 758	65 653 938	9 342 679
Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade >5l	142 954 384	50 315	-
Preparações alimentícias e conservas, de peru	136 883 131	175 550	-
Carnes de outs. animais, salgadas, secas, etc.	119 242 901	-	-
Injetores para motores diesel ou semidiesel	111 476 511	26 937 510	825 613
OUTROS	1 268 607 652	612 998 949	632 895 044
TOTAL	4 063 807 042	1 981 550 361	2 053 436 983

FONTE: MDIC/SECEX

Entre os anos de 1996 e 2001 o valor exportado caiu. Nos anos seguintes, entretanto, houve um grande aumento no volume exportado para a União Européia. Em 2007, o valor exportado foi mais do que o dobro do resultado registrado no ano

de 2001. Alguns dos produtos listados entre os dez principais no ano de 2007, sequer figuravam no ano de 2001 e/ou 1996, como é o caso dos Automóveis c/motor explosão, $1000 < \text{cm}^3 \leq 1500$, até 6 passageiros, outras madeiras compensadas foleadas, de espessura não superior a 6mm e carnes de outros animais, salgadas, secas, etc.

4.3.2 Ásia (exclusive Oriente Médio)

O continente asiático ocupa a segunda posição na lista dos principais blocos econômicos de destino dos produtos paranaenses, mas sua participação, a exemplo da União Européia, é menor hoje do que em anos anteriores. Assim como para a União Européia, entre os principais produtos embarcados para a Ásia, estão os produtos da soja, milho, carnes, madeiras, e produtos da indústria automobilística.

A carne de frango foi o produto que teve o avanço mais significativo nas exportações (tabela 17), graças a uma série de fatores como a construção de vários abatedouros por parte de grandes empresas e cooperativas, levando o Paraná ao posto de maior exportador do produto no Brasil, e também a problemas fitosanitários, como a *influenza aviária*, doença que atacou as aves asiáticas.

TABELA 17 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA A ÁSIA (EXCLUSIVE OR. MÉDIO) SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 - 2007

PRODUTO	2007	2001	1996
	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)
Outros graos de soja,mesmo triturados	374 360 514	92 058 645	1 129 356
Pedacos e miudezas,comest.de galos/galinhas,congelados	287 781 146	42 117 204	52 063 114
Óleo de soja,em bruto,mesmo degomado	239 493 790	71 946 646	227 891 458
Bagacos e outs.residuos solidos,da extr.do oleo de soja	98 298 773	69 566 717	228 878 696
Milho em grao,exceto para semeadura	77 814 189	169 488 044	-
Álcool etílico n/desnaturado c/vol.teor alcoolico>=80%	74 130 347	-	-
Outras carnes de suino,congeladas	42 177 926	14 437 277	15 699 347
Outras madeiras serradas/cortadas em folhas,etc.esp>6mm	37 183 700	6 908 623	11 442
Outros motores de explosao,p/veic.cap.87,sup.1000cm3	34 606 440	-	-
Açucar de cana,em bruto	25 970 546	23 266 601	529 000
OUTROS	367 583 199	179 863 469	193 428 127
TOTAL	1 659 400 570	669 653 226	719 630 540

FONTE: MDIC/SECEX

Merece destaque ainda o embarque de produtos derivados da cana-de-açúcar, como o álcool etílico e o açúcar bruto, sendo que o último já possuía participação significativa no ano de 2001, enquanto o primeiro não aparecia nos anos anteriores mencionados na tabela.

4.3.3 Mercosul

O Mercosul é uma União Aduaneira criada em 26/03/1991 com a assinatura do Tratado de Assunção. Fazem parte do bloco os seguintes países: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai e Venezuela (que foi aceita em julho de 2006).

O comércio com estes países é mais diversificado do que com os demais blocos. O valor que os dez principais produtos representam (tabela 18) é o menor entre os blocos analisados, correspondente a 44,70% no ano de 2007. Para se ter idéia, nos demais blocos, o valor dos dez principais produtos no ano de 2007 foi sempre maior do que 57% do total exportado para o bloco.

TABELA 18 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA O MERCOSUL SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 - 2007

PRODUTO	2007	2001	1996
	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)
Automoveis c/motor explosao,1500<cm3<=3000,ate 6 passag	230 436 730	51 859 465	-
Óleo combustivel	69 955 355	-	-
Outros veiculos automoveis c/motor diesel,p/carga<=5t	65 707 875	-	-
Outros tratores	59 832 185	-	-
Outros motores de explosao,p/veic.cap.87,sup.1000cm3	58 379 345	21 564 867	-
Adbos ou fertilizantes c/nitrogenio, fosforo e potassio	57 237 296	7 640 862	6 835 511
Outras maquinas e aparelhos p/colheita	56 538 119	7 945 684	18 863 861
Outras partes e acess.de carrocerias p/veic.automoveis	48 766 767	4 723 454	27 177
Adbos ou fertilizantes c/fosforo e potássio	44 936 865	10 080 139	2 376 017
Prods.semimanufat.de ferro/aco,n/ligados,carbono>=0.25%	43 642 921	3 442 727	-
OUTROS	909 906 565	415 524 285	423 520 490
TOTAL	1 645 340 023	522 781 483	451 623 056

FONTE: MDIC/SECEX

Também nota-se uma grande mudança entre os principais produtos exportados no decorrer dos anos analisados. Atualmente, os principais produtos estão são

automóveis e autopeças, derivados de petróleo e produtos químicos. A maioria dos principais produtos pouco representavam, ou sequer apareciam na análise dos anos anteriores. Já alguns produtos como papel e papelão, café e cigarros, antes presentes entre os principais exportados, perderam participação relativa.

4.3.4 Aladi (exclusive Mercosul)

A Aladi foi criada em agosto de 1980, através do Tratado de Montevidéu através de uma evolução e reafirmação da ALALC (Associação Latino Americana de Livre Comércio), firmada em 1960 entre Argentina, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru e Uruguai, e tinha o objetivo de promover a integração econômica entre os países, com vistas à ampliação dos mercados.

Hoje os países membros da Aladi são: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Equador, México, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, sendo que Cuba aderiu e foi aceita no tratado em 1999, enquanto os demais países são membros desde a criação do acordo.

Na análise da tabela 19 são considerados apenas os países membro que não fazem parte do Mercosul.

TABELA 19 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA A ALADI (EXCLUSIVE MERCOSUL) SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 - 2007

PRODUTO	2007	2001	1996
	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)
Automoveis c/motor explosao,1500<cm3<=3000,ate 6 passag	330 043 176	107 294 842	-
Carnes de gaios/galinhas,n/cortadas em pedacos,congel.	96 848 665	2 164 864	100 003
Tratores rodoviaros p/semi-reboques	63 461 850	6 397 592	156 215
Outros motores de explosao,p/veic.cap.87,sup.1000cm3	53 640 948	1 627	-
Veiculos automoveis p/transp>=10 pessoas,c/motor diesel	53 484 472	2 239 068	14 947 014
Chassis c/motor diesel e cabina,carga>20t	50 528 259	3 966 506	501 000
Chassis c/motor p/veics.automoveis transp.pessoas>=10	42 050 467	20 380 223	866 050
Outros tratores	39 793 251	-	-
Outros veiculos automoveis c/motor explosao,carga<=5t	34 962 048	-	-
Outs.papeis revest.etc.polietileno,estrat.alumin.rolos/	33 528 956	-	-
OUTROS	600 595 136	183 297 453	100 283 252
TOTAL	1 398 937 228	325 742 175	116 853 534

FONTE: MDIC/SECEX

A Aladi foi o bloco que obteve o maior crescimento entre os analisados no ano de 2007, na comparação com 1999, evoluindo de 2,8% para 11,3%. Assim como no caso do Mercosul, o aumento foi conduzido pelos produtos da indústria automobilística, presentes na listagem em 1996 apenas com caminhões e máquinas agrícolas. Entre os principais produtos comercializados com estes países naquele ano, aparecia couros, papel, açúcar, mate, tecido e refrigeradores. No ano de 2001, por sua vez, entre os principais produtos estavam listados, além dos produtos da indústria automobilística, o papel couche, óleo e resíduos do óleo de soja e milho em grão.

Pelas características dos países e pela proximidade geográfica, não é estranho o fato de se haver muita semelhança entre o comércio com estes países e com os países que compõe o Mercosul.

4.3.5 Oriente Médio

No Oriente Médio, ao contrário da Ásia, o consumo de carne suína é muito pequeno, devido a restrições religiosas. A carne de frango, por sua vez, ocupa lugar de destaque. Nos três períodos analisados sempre foi o principal produto enviado para a região (tabela 20).

Considerando apenas “Carnes de gaios e galinhas não cortadas em pedaços, congeladas”, a participação representou 33,44%, 37,57% e 63,72% do total enviado para o Oriente Médio, nos anos de 2007, 2001 e 1996, respectivamente. Atualmente é o principal destino do frango abatido no Paraná.

No Oriente Médio, diferentemente do Mercosul onde as exportações são menos concentradas, os dez principais produtos detêm participação muito grande no total importado do Paraná. No ano de 2007 essa participação foi de 92,95%, demonstrando uma grande concentração em alguns poucos produtos, o que não foi diferente nos anos anteriores.

Em relação aos produtos exportados para a região, pouca alteração entre os principais produtos, exceto pela carne bovina e alguns produtos químicos orgânicos que faziam parte estavam entre os principais produtos nos anos de 2001 e 1996, respectivamente e não aparecem quando se tem como base os principais produtos exportados no ano de 2007.

TABELA 20 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA O OR. MÉDIO SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 - 2007

PRODUTO	2007	2001	1996
	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)
Carnes de galos/galinhas,n/cortadas em pedacos,congel.	335 555 783	148 490 557	106 063 962
Milho em grao,exceto para semente	225 562 501	60 031 182	-
Oleo de soja,em bruto,mesmo degomado	109 796 638	55 013 458	11 767 594
Pedacos e miudezas,comest.de gaios/galinhas,congelados	99 745 163	26 186 468	14 039 490
Bagacos e outs.residuos solidos,da extr.do oleo de soja	95 368 038	17 820 512	2 692 170
Outros graos de soja,mesmo triturados	26 910 962	28 285 763	-
Outs.mad.comp.folheada,espess.h sup.a 6mm	12 711 862	-	-
Acucar de cana,em bruto	12 459 913	29 052 383	17 985 493
Tratores rodoviaros p/semi-reboques	7 338 525	-	-
Papel kraft p/sacos de gde.capacidade,cru,em rolos/fls.	7 329 831	-	34 098
OUTROS	70 775 722	30 321 038	16 529 622
TOTAL	1 003 554 938	395 201 361	169 112 429

FONTE: MDIC/SECEX

4.3.6 Estados Unidos (inclusive Porto Rico)

Entre todos os destinos analisados, é notória a diferença dos produtos embarcados para os Estados Unidos (tabela 21).

TABELA 21 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA OS ESTADOS UNIDOS (INCLUSIVE PORTO RICO) SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 - 2007

PRODUTO	2007	2001	1996
	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)
Madeira de coniferas,perfilada	122 547 527	893 080	14 016
Injetores para motores diesel ou semidiesel	92 849 946	8 781 223	1 586 440
Madeira de coniferas,serrada/cortada em fls.etc.esp>6mm	66 868 141	63 486 678	23 757 146
Outs.mad.comp.folheada,espess.ñ sup.a 6mm	66 062 054	-	-
Lamin.ferro/aco,l>=6dm,revest.ligas de aluminio-zinco	45 638 103	-	-
Cafe soluvel,mesmo descafeinado	41 919 719	21 622 883	37 899 611
Portas,respect.caixilhos,alizes e soleiras,de madeira	34 089 872	23 506 733	7 858 882
Cafe nao torrado,nao descafeinado,em grao	30 863 555	6 052 564	4 882 469
Outros ladrilhos,etc.de ceramica,vidrados,esmaltados	25 643 401	9 756 757	7 586 293
Outros motores diesel/semidiesel	24 574 154	-	-
OUTROS	337 194 104	824 038 631	253 391 093
TOTAL	888 250 576	958 138 549	336 975 950

FONTE: MDIC/SECEX

Enquanto para os demais destinos é bastante expressiva a participação de carnes, soja, milho e automóveis, os Estados Unidos, com uma indústria automobilística tradicional e com bastante espaço para a agropecuária, acaba comprando outros tipos de produtos como madeira e produtos siderúrgicos. Os Estados Unidos recebem também café, cuja produção do país não é suficiente para satisfazer a demanda interna (o país é o maior consumidor de café do mundo) e peças para motores abastecidos por diesel.

Entre os anos de 1996 e 2001, foi o bloco que mais evoluiu, quase triplicando o valor exportado, enquanto para outras regiões o aumento foi bem mais discreto, ou, em alguns casos, não ocorreu. Entretanto, na comparação de 2001 com o ano de 2007, os resultados não mantiveram a tendência, sendo o único dos blocos a apresentar queda no período.

Esse resultado não é tão surpreendente, pois nos outros blocos os produtos responsáveis por conduzir a elevação, foram, na maioria dos casos, carnes, grãos e automóveis e autopeças, cujos valores enviados para os Estados Unidos não são tão representativos.

4.3.7 África (exclusive Oriente Médio)

Apesar de ocupar a última colocação entre os blocos econômicos mencionados, a África foi, depois do Aladi, o bloco econômico com maior crescimento entre os anos de 2001 e 2007, apresentando variação de 273,73% no período (tabela 22). Entre os anos de 1996 até 2001 se viu pouca mudança, com um aumento de aproximadamente 20% no valor exportado, o que não é muito, já que cinco anos, quando se trata de comércio internacional é um longo período, dado que o comércio entre os países hoje em dia é muito dinâmico.

Produtos como milho, madeira e manufaturas de madeira, compressores e ônibus, que em 1996 figuravam entre os principais produtos exportados para a Áfri-

ca, perderam espaço. Atualmente os principais produtos enviados para o continente são: açúcar, óleo de soja, carne de frango, máquinas agrícolas a caminhões.

TABELA 22 - EXPORTAÇÕES PARANAENSES PARA A ÁFRICA (EXCLUSIVE OR. MÉDIO) SEGUNDO PRINCIPAIS PRODUTOS - 1996 - 2001 - 2007

PRODUTO	2007	2001	1996
	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)	Valor (US\$ FOB)
Açúcar de cana, bruto	69 369 607	27 280 466	38 338 298
Óleo de soja, refinado, em recipientes com capacidade>5l	53 803 600	6 276	-
Pedacos e miudezas, comest. de galos/galinhas, congelados	49 605 688	357 001	-
Óleo de soja, em bruto, mesmo degomado	37 285 980	36 978 410	22 452 050
Tratores rodoviários p /semi-reboques	31 659 110	2 427 716	-
Outros tratores	24 106 981	-	-
Carnes de galos/galinhas, n/cortadas em pedacos, congel.	22 184 111	4 354 692	29 604
Chassis c/motor diesel e cabina, carga>20t	17 913 653	612 430	787 200
Outros graos de soja, mesmo triturados	16 279 661	512 982	-
Outras maquinas e aparelhos p/colheita	13 563 181	-	1 191 759
OUTROS	243 508 670	82 469 091	66 356 311
TOTAL	579 280 242	154 999 064	129 155 222

FONTE: MDIC/SECEX

4.4 PERFIL DAS EMPRESAS EXPORTADORAS

Ao analisarmos as principais empresas exportadoras do Paraná, é clara a sensação de já termos visto algo semelhante. Os resultados obtidos aqui possuem um forte e esperada correlação com os resultados vistos na tabela de grupos e sub-grupos de produtos (tabela 8), presente no item 4.1 deste trabalho.

Naquela tabela, os três principais grupos de produtos eram: o Complexo Soja, o grupo Material de Transporte e Componentes e o Complexo Carnes, respectivamente, que somados representaram mais da metade do total exportado pelo Paraná no ano de 2007.

Entre as empresas exportadoras, as nove principais em termos de valores no ano de 2007, comercializam produtos destes grupos (tabela 23) e entre as vinte principais, apenas quatro não são pertencentes a esses grupos. Estes dados refletem uma grande concentração em algumas poucas empresas. Essa tendência tem se reforçado ao longo dos últimos anos. Prova disso é que nas duas primeiras colo-

cações nas exportações estão multinacionais, fabricantes de automóveis que se instalaram no Paraná na segunda metade da década de 1990.

TABELA 23 – EXPORTAÇÕES PARANAENSES, SEGUNDO PRINCIPAIS EMPRESAS – 2006 – 2007

GRUPO / SUBGRUPO	2007		2006		VAR. (%)
	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	Valor (US\$ FOB)	Part. (%)	
VOLKSWAGEN DO BRASIL LTDA	713 540 784	5,78	621 070 017	6,20	14,89
RENAULT DO BRASIL AUTOMOVEIS S/A	689 409 026	5,58	415 780 867	4,15	65,81
SADIA S.A.	681 802 265	5,52	487 117 691	4,86	39,97
BUNGE ALIMENTOS S/A	602 345 865	4,88	361 509 706	3,61	66,62
COMERCIO E IND. BRASILEIRAS COINBRA S/A	423 978 103	3,43	177 114 037	1,77	139,38
VOLVO DO BRASIL VEICULOS LTDA	399 071 018	3,23	329 778 422	3,29	21,01
ROBERT BOSCH LIMITADA	391 344 321	3,17	335 404 572	3,35	16,68
COOP. AGROPECUARIA MOURAOENSE LTDA	389 236 526	3,15	313 638 210	3,13	24,10
IMCOPA IMPORT. EXPORT. E IND DE OLEOS	369 973 438	3,00	160 314 758	1,60	130,78
PETROLEO BRASILEIRO S A PETROBRAS	366 126 267	2,96	315 455 082	3,15	16,06
CARGILL AGRICOLA S A	323 399 734	2,62	234 826 013	2,34	37,72
USINA DE ACUCAR SANTA TEREZINHA LTDA	304 588 014	2,47	262 635 089	2,62	15,97
CNH LATIN AMERICA LTDA	226 557 043	1,83	170 367 447	1,70	32,98
PERDIGAO AGROINDUSTRIAL S/A	219 800 791	1,78	136 071 282	1,36	61,53
KLABIN S.A.	137 894 244	1,12	134 148 253	1,34	2,79
COMPANHIA CACIQUE DE CAFE SOLUVEL	118 441 731	0,96	103 231 108	1,03	14,73
COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL LAR	115 551 114	0,94	79 500 735	0,79	45,35
C.VALE - COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL	113 033 095	0,92	74 582 622	0,74	51,55
TRITEC MOTORS LTDA	110 915 281	0,90	314 903 050	3,14	-64,78
RUBI S.A COMERCIO INDUSTRIA E AGRICULTURA	108 268 899	0,88	46 106 921	0,46	134,82
DEMAIS EMPRESAS	5 547 579 913	44,91	4 942 781 849	49,35	12,24
TOTAL	12 352 857 472	100,00	10 016 337 731	100,00	23,33

FONTE: MDIC/SECEX

De acordo com o a Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, no ano de 2007, dentre todas as empresas exportadoras paranaenses, vinte e quatro exportaram mais de US\$ 100 milhões, vinte e uma ficaram na faixa entre US\$ 50 milhões e US\$ 100, milhões, cento e vinte e quatro empresas embarcaram valores entre US\$ 10 milhões e US\$ 50 milhões, quatrocentas e vinte e três empresas entre US\$ 1 milhão e US\$ 10 milhões e mil quatrocentas e dezenove empresas exportando valores abaixo de US\$ 1 milhão.

No ano de 2001, de acordo com o MDIC, 1.758 empresas paranaenses venderam para outros países, enquanto em 2007 foram 2.011 empresas. Apesar da idéia da concentração em algumas empresas parecer antitética ao aumento da quantidade das empresas exportadoras, esses resultados refletem, por um lado uma quantidade cada vez maior de fusões ou aquisições de empresas por parte de suas

concorrentes, e por outro lado um aumento no dinamismo do mercado, tornando o comércio internacional mais acessivo para uma quantidade cada vez maior de empresas.

4.5 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS EXPORTAÇÕES PARANAENSES

De forma geral, o resultado das exportações paranaenses entre 1996 e 2007 pode ser considerado positivo. Durante esse período o valor exportado deixou de crescer em apenas três oportunidades, 1999, 2001 e 2006, este último de principalmente a problemas ligados ao clima, ocasionando uma quebra na safra (tabela 24). No Brasil, o volume exportado decresceu em 1998 e 1999.

TABELA 24 - BALANÇA COMERCIAL PARANAENSE E BRASILEIRA - 1996-2007

ANO	PARANÁ (US\$ MIL FOB)			BRASIL (US\$ MIL FOB)			Part. (%)	
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	PR/BR EXP.	PR/BR IMP.
1996	4 245 905	2 434 373	1 811 172	47 746 726	53 345 767	-5 599 039	8,89	4,56
1997	4 853 587	3 306 968	1 547 276	52 990 115	59 747 227	-6 752 887	9,16	5,53
1998	4 227 995	4 057 589	170 406	51 139 862	57 763 476	-6 623 614	8,27	7,02
1999	3 932 564	3 699 957	232 607	48 011 444	49 294 639	-1 283 195	8,19	7,51
2000	4 392 091	4 685 381	-293 290	55 085 595	55 838 590	-752 994	7,97	8,39
2001	5 317 509	4 929 457	388 052	58 222 642	55 572 176	2 650 436	9,13	8,87
2002	5 700 199	3 333 814	2 366 386	60 361 786	47 236 752	13 125 034	9,44	7,06
2003	7 153 235	3 486 013	3 667 222	73 084 140	48 304 598	24 779 541	9,79	7,22
2004	9 396 534	4 026 197	5 370 337	96 475 244	62 813 151	33 662 093	9,74	6,41
2005	10 022 669	4 527 172	5 495 497	118 308 387	73 597 900	44 710 487	8,47	6,15
2006	10 001 941	5 977 953	4 023 988	137 469 700	91 383 878	46 085 822	7,28	6,54
2007	12 352 857	9 016 749	3 336 109	160 649 073	120 624 439	40 024 634	7,69	7,48

FONTE: MDIC/SECEX

Quando se trata da balança comercial, em apenas um dos anos analisados o saldo foi negativo: no ano 2000. Esse equilíbrio entre as exportações e as importações no estado do Paraná durou até o ano de 2001. Depois deste ano no Paraná, os valores exportados foram sempre bem maiores do que o total importado.

A balança comercial brasileira que foi deficitária entre 1996 e 2000 inverteu essa tendência e desde então nunca mais registrou resultados negativos, tendo registrado crescimento ininterrupto entre 2001 e 2001.

Analisando os números nota-se que o Paraná, ao longo dos anos caminhou nos mesmos passos do Brasil, no que tange ao comércio exterior. Ao longo destes anos as exportações de ambos cresceram mais do que proporcionalmente em relação às importações, que por sua vez também avançaram e não podem ser ignoradas.

A participação paranaense, no comércio exterior brasileiro pouco, se alterou quando se trata de exportações, alternando aumentos e quedas na participação. Já no caso das importações, a participação se elevou em quase três pontos percentuais, atingindo no ano de 2007 7,48% do total recebido pelo país.

Durante estes anos, o desempenho das *commodities*, como minério de ferro e produtos agrícolas, foi fundamental para essa evolução das exportações. No campo, o desenvolvimento de novas tecnologias permitiu ao país um grande avanço na produção nacional (tabela 25). Todos os produtos analisados registraram considerável aumento na produção entre 1996 e 2007. Estes resultados, aliados a um cenário internacional favorável no que se refere a preços e mercado, proporcionaram um grande impulso às exportações brasileiras.

TABELA 25 - QUANTIDADE PRODUZIDA NO PAÍS DE PRODUTOS AGRÍCOLAS SELECIONADOS – 1996 – 2007

Ano	Quantidade produzida (ton.)					
	Algodão	Cana-de-açúcar	Feijão	Milho	Soja	Trigo
1996	952 013	317 105 981	2 452 036	29 652 791	23 166 874	3 292 777
1997	821 271	331 612 687	2 840 243	32 948 044	26 392 636	2 489 070
1998	1 172 017	345 254 972	2 191 153	29 601 753	31 307 440	2 269 847
1999	1 477 030	333 847 720	2 830 915	32 239 479	30 987 476	2 461 856
2000	2 007 102	326 121 011	3 056 289	32 321 000	32 820 826	1 725 792
2001	2 643 524	344 292 922	2 453 681	41 962 475	37 907 259	3 366 599
2002	2 166 014	364 389 416	3 064 228	35 940 832	42 107 618	3 105 658
2003	2 199 268	396 012 158	3 302 038	48 327 323	51 919 440	6 153 500
2004	3 798 480	415 205 835	2 967 007	41 787 558	49 549 941	5 818 846
2005	3 666 160	422 956 646	3 021 641	35 113 312	51 182 074	4 658 790
2006	2 898 721	457 245 516	3 457 744	42 661 677	52 464 640	2 484 848
2007	4 097 490	-	3 242 290	51 846 196	58 038 033	4 107 615

FONTE: SIDRA/IBGE

Produtos com grande participação nas exportações obtiveram resultados excelentes: comparando os anos de 1996 e 2007, a quantidade produzida de milho

avançou 74,84% e a de soja foi mais do que dobrou. Para ambos foi o melhor resultado de todos os tempos, ressaltando o papel fundamental representado pela agricultura na economia brasileira.

A taxa de câmbio entre o real e o dólar é outro fator importante para o comércio entre os países, sendo um dos fatores determinantes nas relações de troca. Segundo Sandroni, (2005, p. 111) "...as taxas cambiais são determinadas por uma conjunção de fatores intrínsecos ao país. O câmbio não possui apenas o valor teórico de determinar preços comparativos entre moedas, mas a função básica de exprimir a relação efetiva de troca entre países."

GRÁFICO 4 – EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES PARANAENSES (US\$ FOB) E DO VALOR DO DÓLAR – 1996 – 2007



FONTE MDIC/SECEX, IPEADATA

NOTA: câmbio do último dia do mês

Até o mês de janeiro de 1999 havia controle sobre a taxa de câmbio da moeda nacional, frente ao dólar, por isso a linha praticamente reta em todo esse período (gráfico 4). A partir de 15 de janeiro, o Banco Central aderiu ao regime de câmbio flutuante, que é o regime adotado na maioria dos países. Apesar de não controlar diretamente, o Banco Central pode influenciar neste tipo de regime. A principal forma

é a compra e venda de moeda, para que o valor da moeda sofra menos alteração, principalmente nos períodos de volatilidade.

Com o câmbio flutuante, o real se depreciou frente ao dólar. Isso fez com que os produtos brasileiros ficassem mais baratos lá fora. Como resultado observou-se um aumento nas exportações do país que até então poderia ser considerado um país deficitário em relação à balança comercial. A partir de 2001 a balança comercial brasileira colecionou resultados positivos e hoje pode-se afirmar seguramente que o Brasil é um país muito mais exportador do que importador.

Tanto para o Paraná quanto para o Brasil, o ano de 2000 foi o último até hoje a registrar déficit na balança comercial. O setor exportador paranaense e brasileiro têm se consolidado ao longo dos últimos anos, registrando aumento nas exportações mesmo com o dólar em queda desde segunda metade do ano de 2004.

Olhando para frente, espera-se que caso o dólar continuar se desvalorizando frente ao real, ocorra uma maior aproximação entre os valores exportados e importados, fato que já pôde ser observado no ano de 2007. Enquanto os produtos brasileiros ficam mais caros no exterior, as importações se tornam mais atrativas para os brasileiros.

Os esforços internacionais atualmente caminham no sentido de diminuir as barreiras entre os países, favorecendo o comércio. Em um cenário de estabilidade, esse tipo de política tem dado certo (com exceções). Havendo crises não há como precisar o comportamento dos mercados. A tendência natural em momentos desfavoráveis é a redução dos investimentos por parte dos agentes econômicos e um aumento no protecionismo por parte dos países. Isso implicaria uma redução na corrente de comércio, prejudicando principalmente aqueles setores dependentes do comércio exterior.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou apresentar os componentes do comércio exterior paranaense no período compreendido entre 1996 e 2007

Foi em 1996 que as montadoras de automóveis desembarcaram no Paraná, antes disso havia apenas a produção de caminhões e máquinas agrícolas. A pauta exportadora do Estado se tornou mais moderna.

A soja que antes tinha uma liderança confortável, passou a competir com os automóveis, favorecidos pelas grandes montadoras estrangeiras e o complexo carnes, que conseguiram passar a ter grande avanço no cenário estadual graças ao trabalho das multinacionais e de cooperativas.

O setor de madeira e suas obras, ganhou fôlego com o MDF (Medium Density Fiberboard), um tipo de placa de fibra que no Brasil começou a ser fabricada no ano de 1997 e atualmente é muito utilizada em móveis. A aplicação desta tecnologia permitiu à indústria moveleira paranaense agregar valor ao produto.

No que se refere ao fator agregado, pôde ser verificada uma grande alteração na composição das exportações, com uma ascensão dos produtos manufaturados, em detrimento dos produtos básicos. A participação dos produtos semimanufaturados não sofreu alterações significativas durante o período.

O crescimento da indústria paranaense no período fez com que o estado aumentasse a sua participação no valor da transformação industrial, em relação ao total nacional. Os principais produtos responsáveis por este aumento foram os automóveis e os derivados de petróleo. Os produtos alimentícios e bebidas, apesar de reduzirem sua participação no VTI estadual, continuam tendo fundamental importância dentro da indústria paranaense.

No que se refere aos destinos dos produtos, a União Européia e a Ásia ocuparam em 2007 a primeira e segunda colocação, respectivamente, entre os principais blocos econômicos. A mesma posição era ocupada em 1996, mas naquele ano a vantagem que estes blocos tinham para os demais era bastante superior, se compa-

rada aos números de 2007. O mercado norte americano, outro destino tradicional dos produtos paranaenses, reduziu sua participação e perdeu duas posições, para a Aladi (exclusive Mercosul) e Oriente Médio.

Estes resultados mostram que, para todos os destinos, os valores exportados evoluíram, No entanto, essa evolução foi mais discreta nos mercados tradicionais (União Européia, Ásia e Estados Unidos), que registraram queda na participação, e mais acentuada para os mercados mais próximos (Mercosul e Aladi) e nos mercados menos tradicionais (Oriente Médio e África), todos com aumento na participação.

No tocante às empresas exportadoras, verifica-se um aumento na quantidade de pequenas e médias empresas que passaram a negociar com outros países. Uma menor burocracia, melhorias nas comunicações e na logística favoreceram bastante essas empresas nos últimos anos.

Nos produtos dos complexos soja e carnes, há predomínio de grandes empresas e cooperativas, concentrando a exportação destes setores em uma pequena quantidade de empresas, responsáveis pelo envio de grandes volumes.

As exportações também são concentradas quando se trata da indústria automobilística. Há o predomínio de empresas multinacionais e outras que trabalham em função destas. A partir de 1996 o Paraná recebeu diversas montadoras, devido a uma série de fatores, como incentivos fiscais, localização estratégica e fácil acesso ao porto. Essas montadoras trouxeram uma série de empresas fornecedoras e prestadoras de serviços. Fica evidente neste caso a existência de economias de escala internas e externas, descritas no item 2.4 deste trabalho.

As exportações paranaenses cresceram em um ritmo parecido com o avanço das exportações brasileiras. O saldo da balança comercial estadual até o ano de 2001 oscilava entre pequenos resultados de superávit ou déficit. A partir do ano de 2002 e nos anos seguintes, o saldo positivo na balança foi convincente, e hoje não se imagina um resultado diferente para os próximos anos.

Para os próximos anos há boas perspectivas para alguns produtos, como o leite e derivados, segmento que agora está se voltando para o comércio internacio-

nal, a produção de energia limpa, através da negociação de créditos de carbono com países poluentes, os produtos agrícolas com o desenvolvimento de novas tecnologias que permitem o aumento da produtividade e também setores dotados de maior valor agregado, como o desenvolvimento de softwares e a montagem de computadores.

Finalmente cabe destacar que o valor do dólar, em queda nos últimos anos analisados nesse trabalho, não foi suficiente para conter o avanço das exportações no período. Isso devido à vigência de contratos antigos e também ao avanço das relações entre os países de uma forma geral. Resta saber qual destas forças será predominante nos próximos anos. O saldo da balança comercial paranaense e brasileira em 2007, com resultados inferiores aos registrados em 2006, indicam um sinal de alerta, caso o dólar continue a cair.

REFERÊNCIAS

ANÁLISE CONJUNTURAL. Curitiba: IparDES, v. 30, n. 01-02, jan-fev 2008.

BONDARIK, Roberto et al. **A Produção de Erva-Mate e a Iniciação Industrial do Paraná**. Disponível em: <[http://www.fiepr.org.br/sindicatos/sindimate/upload/Address/A Produção de Erva-Mate e a Iniciação Industrial do Paraná\[37677\].pdf](http://www.fiepr.org.br/sindicatos/sindimate/upload/Address/A%20Produ%C3%A7%C3%A3o%20de%20Erva-Mate%20e%20a%20Inicia%C3%A7%C3%A3o%20Industrial%20do%20Paran%C3%A1[37677].pdf)>. Acesso em: 23 ago. 2008.

GUIMARÃES, Ailton. **Nota de Aula 2**. Disponível em: <[http://www.faculdefortium.com.br/ailton_guimaraes/material/Eco Internacional nota de aula 2.pdf](http://www.faculdefortium.com.br/ailton_guimaraes/material/Eco%20Internacional%20nota%20de%20aula%202.pdf)>. Acesso em: 14 ago. 2008.

IBGE. **Pesquisa Agrícola Municipal**. Disponível em: <<http://sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&o=11&i=P&c=507>>. Acesso em: 29 ago. 2008.

IBGE. **Pesquisa Agrícola Municipal**. Disponível em: <<http://sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=1613&z=p&o=22>>. Acesso em: 20 set. 2008.

IBGE. **Pesquisa Industrial Anual**. Disponível em: <<http://sidra.ibge.gov.br/bda/pesquisas/pia/default.asp?o=16&i=P>>. Acesso em: 05 set. 2008.

IPARDES. **Paraná: Economia e Sociedade**. 2. ed. Curitiba: IparDES, 2006. 162 p.

IPEADATA. **Taxa de câmbio - R\$ / US\$ - comercial - compra - fim período R\$**. Disponível em: <[http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?SessionID=486605510&Tick=1227239880966&VAR_FUNCAO=Ser_Temas\(126\)&Mod=M](http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?SessionID=486605510&Tick=1227239880966&VAR_FUNCAO=Ser_Temas(126)&Mod=M)>. Acesso em: 12 set. 2008.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia Internacional: Teoria e Política**. 6. ed. São Paulo: Person Addison Wesley, 2005. 558 p.

LOURENÇO, Gilmar Mendes. **Economia Paranaense: Restrições Conjunturais e Avanços Estruturais**. *Revista Fae*, Curitiba, v. 2, n. 3, p.1-8, dez. 1999.

MAGALHÃES FILHO, Francisco de Baptista Borja. **Da construção ao desmanche: Análise do projeto paranaense de desenvolvimento**. Curitiba: IparDES, 2006. 330 p.

MDIC. **Aliceweb**. Disponível em: <<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: 31 ago. 2008.

MDIC. **Balança Comercial por Unidade da Federação**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=1078&ref=1076>>. Acesso em: 08 set. 2008.

MDIC. **Empresas brasileiras exportadoras e importadoras**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/interna/interna.php?area=5&menu=603>>. Acesso em: 08 set. 2008.

PADIS, Pedro Calil. **Formação de uma Economia Periférica: O Caso do Paraná**. 2. ed. Curitiba: Iparde, 2006. 306 p.

SAINT-HILAIRE, Auguste. **Viagem Pela Comarca de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

SALDANHA JUNIOR, Roland Veras. **O Modelo de Hecksher-Ohlin**. Disponível em: <<http://www.actiomercatoria.com.br/download.php/apresentacoes/764/modelo+ho+07.pdf/pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2008.

SALDANHA JUNIOR, Roland Veras. **O Modelo Ricardiano**. Disponível em: <www.actiomercatoria.com.br/download.php/apresentacoes/751/modeloricardiano.pdf/pdf>. Acesso em: 12 ago. 2008.

SALVATOTE, Dominick. **Economia Internacional**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1998. 426 p.

SANDRONI, Paulo. **Dicionário de Economia do Século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2005. 905 p.

SUZUKI JÚNIOR, Julio Takeshi. Características do crescimento industrial do Paraná. **Análise Conjuntural**, Curitiba, v. 30 n04-05. p. 4-5, 2008.